

CELULOSE E PAPEL

ANO X - Nº 44 - 1993 - ISSN 0102-5279

10(44)



O BRASIL É
CAMPEÃO DE
TRIBUTOS

COFINS
IPM
FGTS
INPS
VA
ISS
PIS

entrevista
**OSMAR
ZOGBI**

Se o seu problema é corrosão, você precisa de DERAKANE*.

Na hora de escolher uma resina para revestimento ou fabricação de equipamentos em plástico reforçado, sujeitos a alta corrosão, é muito importante a avaliação de suas características e benefícios.

Fatores como resistência química e mecânica, durabilidade, versatilidade na transformação, tradição de qualidade, apoio técnico e certeza de fornecimento, são fundamentais.

Desenvolvidas com a tecnologia DOW, as resinas epóxi éster vinílicas DERAKANE* possuem qualidade mundialmente comprovada e desempenho superior.

Presente há 20 anos no mercado nacional e há mais de 25 no mercado externo, DERAKANE* vem garantindo continuamente eficiência e qualidade nas mais diversas aplicações, minimizando custos de manutenção e atendendo às necessidades específicas dos vários setores da indústria.

Na hora de escolher uma resina, pense no futuro de seus equipamentos e na tranquilidade que traz a tecnologia.

Use DERAKANE*.



Dow Plásticos

Tel.:(011)546-9375/546-9206

DERAKANE* **20** ANOS
TECNOLOGIA VENCENDO A CORROSÃO



PUBLIC.: P-017340
CELULOSE & PAPEL 10(44) DEZ. 1993

UM PAÍS VIÁVEL



*Horácio Cherkassky**

O mundo atravessa um novo período de profundas transformações. Elas se processam com tal velocidade que estão provocando um giro da humanidade sobre si mesma, como se preparasse para adentrar a um novo ciclo da história. Alavanca esse movimento o esforço que os povos da terra fazem, numa só direção, para afastar o risco de novas lutas destrutivas e maximizar os benefícios de uma competição pacífica no rastro da esperança renovada de melhores padrões de vida.

As economias dirigidas em mercados controlados ruiam de vez. Com seus destroços só podemos construir a tese, irrefrutável, de que essas faliram por ineptas. Elas não funcionam com o sentido produtivo das economias livres onde se processa a crescente renovação de empregos e exercita-se as chances básicas da prosperidade das pessoas.

Nas aspirações dos povos por melhor qualidade de vida a liberdade econômica mostra-se insubstituível mola propulsora para a abertura dos mercados e o sepultamento das amarras representadas pelos controles estatais e pelo protecionismo. Ela possibilita a promoção de práticas comerciais abertas e responsáveis. Evidencia-se nos dias atuais que as pessoas, em qualquer lugar, esgotaram sua paciência com padrões de vida inadequados e hoje buscam produtos e serviços de qualidade.

No mundo moderno e sem fronteiras os governos estimulam planos de privatização e, com maior e menor intensidade, começam a afastar-se do setor produtivo. O incentivo ao crescimento econômico se faz através do encorajamento da iniciativa privada, da redução do protecionismo pela via da maior abertura das fronteiras ao livre fluxo dos investimentos, dos produtos e dos serviços. Prova é que o comércio mundial tem crescido de forma constante, tendo sido ampliado em 8,5% no período de apenas um ano.

Saudamos esse movimento salutar que sacode e esperamos que o Brasil possa se adaptar rapidamente para aproveitar as oportunidades implícitas nesse novo cenário.

Somos, enquanto país, considerados como a última nação emergente, com fantástico potencial para receber investimentos.

A comunidade internacional e inúmeros empresários nacionais aguardam apenas que o país efetivamente apresente sinais de que caminha para a estabilidade econômica e que tenha vontade de se adaptar à nova ordem mundial.

Isto feito, não tenho dúvidas que experimentaremos um novo período de prosperidade em nosso país.

*Horácio Cherkassky é presidente da ANSPC

A revista **CELULOSE & PAPEL** é órgão oficial da ANFPC-Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Rua Afonso de Freitas, 499 Cep 04006-052 São Paulo - SP Fone (011) 885-1845

DIRETOR RESPONSÁVEL

H. Horácio Cherkassky

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Fabiano Pires

Alfred Freund

Dante Ramenzoni

Lenomir Trombini

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

CONSELHO CONSULTIVO

GT 2 Divulgação

COORDENAÇÃO GERAL

Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela Unipress Editorial ISSN 0102-5279



UNIPRESS EDITORIA

DIRETORIA

Alaôr José Gomes

Reginaldo Finotti

DIRETOR DE REDAÇÃO

Reginaldo Finotti

EDITOR

Celso Lungaretti

REDAÇÃO

Ana Lúcia Venterim

Sílvia Pimentel

Solange Vasconcellos

COLABORADOR

Marco Antonio Eid

DIAGRAMADORA

Rosemeire A. Pedroso

FOTOS

Divulgação/Agência Estado/

Keila Marta Marques

PUBLICIDADE

José Cruz Filho

RELAÇÕES PÚBLICAS

Lina Carla Finotti

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Paulista, 2006 - 11º andar - Conjs.

1103 a 1108 - Fone - (011) 285-6233

Telex - (11) 32183 - Fax (011) 285-3785

CEP 01310-926 - São Paulo - SP

FOTOLITOS

OKA

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA E IMPRESSÃO

Ipsis Gráfica e Editora S.A.

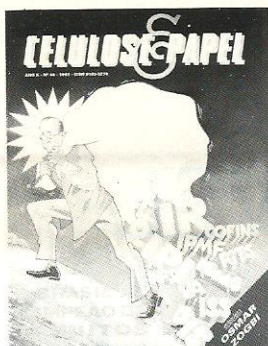


Ilustração: Bira Câmara.

FESTIVAL DE TRIBUTOS QUE ASSOLA O PAÍS

Quando a União mais uma vez tenta sanar seu furo de caixa aumentando impostos, vale a pena ver o que economistas e tributaristas pensam da recente pesquisa da empresa de consultoria Arthur Andersen, que atribui ao Brasil a supremacia mundial em voracidade tributária. **13**

CICEPLA: NOVO IMPULSO À INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.

Apoiada até pelo presidente colombiano Cesar Trujillo, a posição defendida por Horácio Cherkasski acabou vencendo as resistências e colocando a Confederação Industrial de Celulose e de Papel Latino-Americana no rumo de uma maior complementaridade comercial entre os países-membros. **5**

O QUE O BRASIL DEVE FAZER PARA APROVEITAR ESTE NEGÓCIO DA CHINA

Com um mercado quase virgem de 1,2 bilhão de pessoas, a China vem emitindo sucessivos sinais de que anseia por um aumento das transações com o Brasil, visto não só como país de empreiteiras superqualificadas para grandes obras de infra-estrutura, mas também como a porta de entrada da América Latina. **7**

OSMAR ZOGBI: PERPLEXO COM O BRASIL, MAS SEMPRE UM OTIMISTA.

O vice da ANFPC fala de sua trajetória, marcada pela determinação em construir uma carreira sem aproveitar as facilidades familiares, e de sua desilusão com o momento nacional de corrupção escancarada e problemas sociais que se agravam. Mas acredita que "ainda conseguiremos consertar este País". **26**

E MAIS:

| | |
|---------------------------|----|
| Balanco 93 (ANFPC) | 10 |
| PPI | 20 |
| Fornecedores (CBTI) | 24 |
| Fundação do FSC | 30 |

CICEPLA: VITÓRIA BRASILEIRA.



Cherkassky: identificação e mensuração das oportunidades.

Apesar das resistências, proposta de complementariedade comercial acabou aprovada.

Trujillo — representado no evento pela ministra das Relações Exteriores, Nohemi Sanin de Rubio — manifestou assim seu apoio à proposta brasileira de complementariedade comercial entre os países-membros da Cicepla.

A sugestão foi apresentada pelo presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, que presidiu a comitiva de 14 delegados brasileiros. Ele enfatizou que haveria “reais benefícios para nossos países e para nossa indústria, se fizéssemos um esforço para o incremento do comércio intrazona”, citando cinco deles:

- expansão da indústria de papel e celulose latino-americana;
- especialização dos países naqueles produtos que pudessem ser competitivos em custos e qualidade;

- fortalecimento das empresas para atuação conjunta, seja na defesa dos mercados domésticos, seja nas exportações para países de extrazona
- os países da Cicepla caminhariam juntos para a integração em um grande mercado comum americano; e
- tornar a Cicepla um fórum de planejamento setorial e de negociação entre os países.

Em termos imediatos, Cherkassky recomendou “a realização de um estudo para identificar e mensurar as oportunidades e problemas, e com base nessas informações, elaborar o Plano de Complementariedade Comercial entre os países da Cicepla”.

A proposta encontrou resistência nas comissões, havendo quem atribuísse ao Brasil a intenção de despejar no mercado latino-americano seus grandes excedentes de papel. Daí a importância do apoio colombiano, assim justificado pelo presidente Trujillo: “Estamos integrando nossas economias ao mundo e, por isto, precisamos que as demais nações abram seus mercados a nossos produtos. Numa economia globalizada não é possível obter bem-estar social sem liberdade econômica, competência, produtividade, eficiência e crescimento”.

No mesmo sentido, o presidente da Associação Nacional de Industriais, Carlos Arturo Angel Arango, assinalou que “as políticas econômicas semelhantes e as condições do comércio internacional tornam cada vez mais propício o campo para a integração”.

Finalmente, a posição brasileira saiu vencedora. O Conselho Diretivo da Cicepla recomendou, e a Assembléia Geral aprovou, que se incumbisse a Comissão III (Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnologia) de “realizar um

“**O** protecionismo e o isolamento constituem um atentado a nossas esperanças de desenvolvimento e estabilidade democrática”, afirmou o presidente da Colômbia, Cesar Gaviria Trujillo, em sua mensagem à 11ª Assembléia Geral Ordinária da Confederação Industrial de Celulose e de Papel Latino-Americana (Cicepla), que se realizou em Cartagena, entre os últimos dias 6 e 9 de outubro.

PRODUÇÃO DE PAPEL NA AMÉRICA LATINA

**PRODUÇÃO LATINO-AMERICANA
PERÍODO: 1º SEMESTRE DE 1993
PRODUTO: PAPEL TOTAL - EM TONELADAS - C.A.**

| PAÍS | PRODUÇÃO | CONSUMO | | | | | | APARENTE |
|-------------|----------|------------|-----------|--------|------------|---------|-----------|----------|
| | | IMPORTAÇÃO | | TOTAL | EXPORTAÇÃO | | | |
| | | CICEPLA | 3º PAÍSES | | | CICEPLA | 3º PAÍSES | TOTAL |
| Brasil | 2664748 | 21006 | 194927 | 215933 | 180083 | 518430 | 698513 | 2182168 |
| Chile | 242660 | 18673 | 18594 | 37267 | 54916 | 16193 | 71109 | 175412 |
| Colômbia | 325504 | 14730 | 69500 | 84230 | 17089 | 7517 | 24606 | 385128 |
| Equador | 40998 | 120986 | 0 | 120986 | 5304 | 0 | 5304 | 156680 |
| México | 1457991 | 0 | 0 | 291789 | 0 | 0 | 24062 | 1725718 |
| Uruguai | 35335 | 8037 | 5726 | 13763 | 9567 | 382 | 9949 | 39149 |
| Venezuela | 267578 | 4125 | 68236 | 72361 | 0 | 0 | 24982 | 314957 |
| Total Geral | 5034814 | 187557 | 356983 | 836329 | 266959 | 542522 | 858525 | 4979212 |

FONTE: CICEPLA

levantamento estatístico com o objetivo de atender à proposta do Brasil de elaboração de um estudo de complementaridade comercial entre os países-membros". Ficou determinado que a Comissão III se reunirá em março, no Uruguai para iniciar tal trabalho.

Certificação

Outra preocupação marcante das comissões foi com a certificação dos produtos do setor. Assim, a Comissão I (Recursos Fibrosos e Biotecnologia) ressaltou a

necessidade, "face à proliferação de selos ecológicos e a progressiva abertura dos mercados, de que a Cicepla chegue a um estado de credibilidade e aceitação internacional que lhe permita certificar os produtos de origem florestal com seu próprio selo".

Tal selo está em gestação no âmbito da Comissão IV (Assuntos Ambientais), que decidiu comunicar à instância respectiva da Comunidade Econômica Européia "a preocupação de estender além de suas fronteiras os conceitos ambientais de sua etiqueta ecológica".

O encontro teve, ainda, a participação do ministro do Desenvolvimento colombiano, Luis Alberto Moreno Mejia. Compareceram delegados do Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Uruguai e Venezuela, registrando-se a ausência de peruanos e argentinos. A diretoria da Cicepla foi renovada para os próximos dois anos, ficando como presidente Ricardo Zerbino (Uruguai); vice, Horácio Cherkassky (Brasil); conselheiro, Juan Calvo de Dios (Venezuela); e secretário executivo, Gustavo Larrazabal (Venezuela)."

TAPPI NO CONGRESSO DA ABTCP

O 26º Congresso Anual de Celulose e Papel e o 8º Congresso Brasileiro de Qualidade tiveram, neste ano, a participação da Technical Association of the Pulp and Paper Industry (Tappi), muito conceituada internacionalmente. A projeção que o setor de celulose e papel brasileiro ostenta no mundo, por apresentar uma tecnologia de ponta que nada fica a dever às empresas estrangeiras de vanguarda, explica a vinda ao congresso de uma delegação da Tappi, bem como a perspectiva de um intercâmbio com sua congênere brasileira, a Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, diz Ricardo Casemiro Tobera, presidente da ABTCP.

Lembrando que o setor faturou ao redor de US\$ 2,5 bilhões no primeiro semestre deste ano, ele resalta sua presença marcante no mercado internacional: "É inegável a aceitação de nossos produtos no exterior, em termos de qualidade e preços. Além disso, as empresas estrangeiras, no setor ficam impressionadas com o domínio brasileiro de tecnologia na produção de celulose de fibra curta".

O presidente do Congresso, Cláudio de Campos, destacou, por sua vez, o imperativo de as empresas adequarem seus procedimentos produtivos à normas ISO 9000. Ele salienta que as grandes empresas exportadoras já estão perseguindo este objetivo.

Modernas tecnologias

As mais modernas tecnologias a nível de processamento e automação também foram temas apresentados durante o evento.

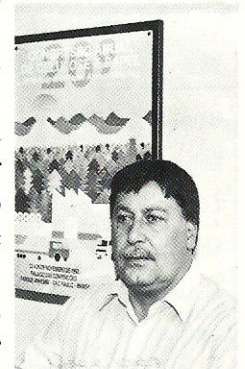


Tobera (esq.): Brasil tem presença marcante.

to, assim como ocorreu, paralelamente, uma exposição dos mais modernos equipamentos. Cláudio de Campos recomenda às empresas que invistam em modernas tecnologias, como forma de redução de desperdícios e contenção de custos.

Trabalhos e estudos desenvolvidos para controlar a poluição ambiental também constaram da programação do evento. Os trabalhos técnicos abordaram o branqueamento da celulose pelo oxigênio, tratamento de efluentes e reduções de resíduos. Segundo o presidente da ABTCP, as empresas brasileiras já introduziram modernos equipamentos antipoluidores como forma de compatibilizar a produção com o modelo de desenvolvimento sustentado.

Pesquisas da ANFPC confirmam a preocupação dos empresários do setor com o meio ambiente, além do que isto atende às exigências da Comunidade Econômica Européia. Segundo a ANFPC, existe uma tendência crescente das empresas brasileiras substituírem o cloro pelo oxigênio no branqueamento da celulose, em resposta às exigências internacionais. Estatísticas junto a empresas do setor apontam que 10% das 5,2 milhões de toneladas de celulose produzidas, anualmente, no País, são totalmente livres de cloro (TCF) ou cloro elementar (ECF).



Campos: é hora de investir.

É UM MERCADO DE 1,2 BILHÃO DE PESSOAS. E ESTÁ ABERTO PARA O BRASIL.



Sbenzben foi praticamente reconstruída para aproveitar a devolução de Hong Kong

Em franco desenvolvimento, a China está disposta a um esforço extra para aumentar o intercâmbio com o Brasil, não só por razões comerciais, mas também como forma de colocar um pé na América Latina.

É um negócio da China: um mercado de 1,2 bilhão de pessoas, quase inexplorado, e que está muito interessado nos produtos brasileiros. Para Laerte Setubal Filho, diretor-titular do Departamento de Assuntos Internacionais da Fiesp, “nota-se uma orientação política por trás da boa vontade” dos chineses: “Querem pôr um pé na América Latina e o Brasil é a porta de entrada, daí fazerem um esforço extra para negociar conosco”.

Para aproveitar as oportunidades de negócio com esse país que, só na década de 90, já recebeu investimentos externos de mais de US\$ 100 bilhões para impulsionar seu desenvolvimento acelerado, o Brasil precisará dar um passo importante, diz Setubal: conseguir três portos livres no Peru e Chile, que lhe permitam escoar

diretamente seus produtos para o Pacífico. “Se tivermos de dar a volta pelo Estreito de Magalhães, a viagem levará de 45 a 60 dias, tornando inviável a maioria das exportações. Por isso, a Fiesp vai recomendar ao Governo brasileiro que negocie essa nossa saída para o Pacífico.”

Isto viabilizará um intenso comércio com a China, avalia o diretor da Fiesp, lembrando que o Brasil poderá fornecer minério de ferro produtos siderúrgicos; produtos petroquímicos; papel e celulose; chapas de fibra, compensados e madeira serrada; itens de lanifício; tintas; ferramentas; produtos médico-odontológicos; alimentos dietéticos; café, fumo, etc.

Já os artigos que o País poderá importar estiveram recentemente à mostra na 1ª Feira de Produtos da Indústria Chinesa 93, realizada em novembro na Bienal (SP):

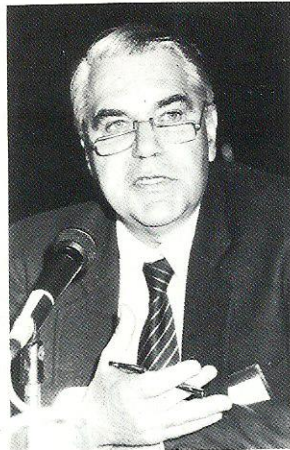
“TRABALHADORES SÃO ALUGADOS AOS LOTES”

Ex-presidente da Associação dos Exportadores do Brasil, Laerte Setubal Filho, já organizou três missões à China e visitou o país em 1979, 1983 e 1993. Conheceu, portanto, o comunismo em estado puro e sua variação atual. “Em 1979 era uma monotonia total”, lembra. “Todo mundo vestia dólman, calça e chapeuzinho. Mas, havendo apenas três cores de vestimentas: verde para os militares, azul para os trabalhadores e cinza para os funcionários administrativos.”

Os preços não se alteravam há 30 anos, os aluguéis eram fixos e cada cidadão tinha uma cota fixa de roupas e sapatos que podia adquirir a cada ano. Então, quem ganhasse o salário-mínimo de 130 remembí mensais podia economizar, se fizesse tudo como o governo aconselhava, 30 remembí. Juntando a pou-

pança de dois anos, conseguia o suficiente para comprar... uma bicicleta.

Hoje, garante Setubal, avançou muito a ocidentalização com monumentais shopping centers onde os chineses podem fazer compras sem restrições. As vestimentas são diversificadas e as cores voltaram a ser usadas ao sabor do gosto e vaidade de cada um. Mas nem tudo está mudado. As bicicletas dominam as vias públicas e, em Pequim, por exemplo, há 8 milhões desses veículos para uma população de 8 milhões de pessoas; os carros têm de se restringir a um pequeno trecho de Leito de rua, sendo que a maioria deles (90%) é



Setubal: tudo mudou.

de aluguel, como nossas antigas lotações.

Há muitas favelas em Pequim, pois o país conseguiu equacionar bem o problema da alimentação e vestuário, mas não o de moradia. Os outdoors nas vias públicas já não

trazem exclusivamente mensagens políticas, mas, em sua grande maioria, alardeiam produtos, como os nossos; sobram uns poucos institucionais, e, mesmo assim, mais educativos do que propriamente ideológicos.

Os direitos do cidadão, entretanto, ainda estão longe dos praticados nas democracias. Assim, 60% dos chineses são obrigados a viver no campo e precisam de licença especial

para eventuais visitas às cidades. E trabalhadores são considerados matéria-prima como outra qualquer, tanto que o ministério respectivo aluga lotes de operários para grandes obras (a construtora brasileira Mendes Júnior, aliás, teve recentemente uma pendência com a China Civil Construction Corporation quanto ao pagamento dessa mão-de-obra servil).

E há imposições bizarras, como a de condicionar a concessão de licença para matrimônio à apresentação, por parte do casal, de provas de que já plantou pelo menos duas árvores. É uma receita pragmática para combater a escassez de madeira, ao lado da obrigatoriedade de as empresas montarem mutirões anuais de plantio de árvores, quando os operários são forçados a trabalharem alguns dias como lavradores.

máquinas agrícolas, para obras de engenharia civil, para madeira, para embalagem e imprensa; equipamentos e materiais para soldadura; rolamentos; ferramentas em geral; bicicletas e motocicletas, entre outros. “Um deslanche dos negócios com a China depende também de aumentarem um pouco nossas importações”, assinala Setubal. “A balança comercial está desequilibrada em nosso favor, pois neste ano (até setembro) US\$ 665 milhões e importamos apenas US\$ 100 milhões.”

Além disto, a economia socialista de mercado (expressão cunhada pelos chineses para designar as adições de capitalismo ao sistema comunista) esbarra, ainda, numa certa rigidez da classe dirigente.

Passos importantes foram dados, como a autorização de abertura de empresas privadas, em 1978; a decretação da falência de 300 estatais deficitárias na década passada; o impulso ao mercado acionário (tanto que a bolsa de Xangai já negocia ações de 3.200 empresas); e a criação de cinco zonas de economia especial, na prática enclaves capitalistas. Mas ainda se registram reações intempestivas dos líderes chineses a fenômenos como a inflação, levando, às vezes, a cortes drásticos de despesas e cancelamentos de obras já programadas. “No momento, por exemplo, é de se temer que aconteça algo desse tipo. A inflação chinesa em 1992 foi de 5,6% e, em 1993, aproxima-se dos 7%”, adverte Setubal.

MISSÃO

Ele acaba de organizar a primeira missão comercial da Fiesp ao exterior, exatamente para a China, visitada por 18 empresários brasileiros no último mês de outubro. O convite foi formulado pelo próprio vice-primeiro-ministro chinês, Zhen Rongi, que esteve no Brasil em maio, tendo sido recebido na Fiesp; trata-se de personagem com prestígio crescente na cúpula governamental e fortemente cotado para se tornar o próximo premier.

A missão esteve em Shenzhen, Pequim e Cantão. O principal atrativo foi Shenzhen, cidade da região sul (a mais pobre da China) que está passando por uma verdadeira reconstrução. O motivo,



Bolsa de não ferrosos de Shenzhen, o primeiro mercado de futuros da China.

explica Setubal, é a devolução de Hong Kong à China, marcada para 1997: "Hong Kong fica a 40 minutos de Shenzhen, por automóvel. A China, que não tinha boa infra-estrutura para escoamento dos seus produtos, ganhará os ótimos porto e aeroporto de Hong Kong. Então, resolveu transformar Shenzhen numa cidade industrial, voltada para a exportação".

Nada menos que 290 projetos (imobi-

liários, aquisição de tecnologia, joint ventures etc) estão sendo desenvolvidos em Shenzhen, que nos últimos dez anos passou de uma cidadezinha inexpressiva a uma metrópole com 6 milhões de habitantes. O que está sendo devidamente aproveitado por empreiteiras brasileiras: A Camargo Correia, por exemplo, tem conseguido grandes contratos para a implantação de prédios de 38 a 40 andares na estrada entre Shenzhen e Hong Kong. Lá, também, está sendo construída a "cidade dos chineses", um enclave com qualidade de vida no padrão do 1º mundo, para receber os chineses emigrados, bem sucedidos em outros lugares e que estejam dispostos a voltar para participarem da nova fase de sua nação.

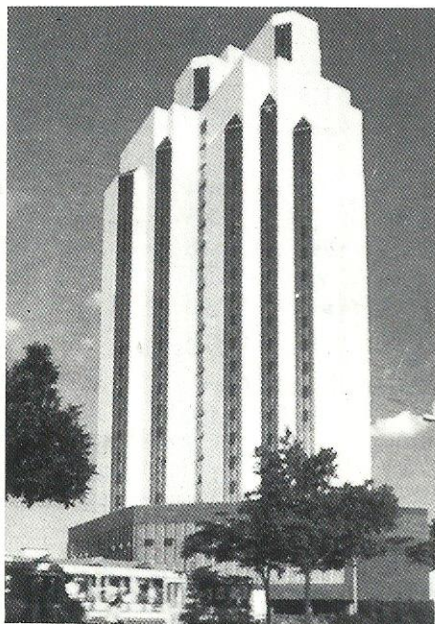
Para as empreiteiras brasileiras, aliás, não é só em Shenzhen que vêm surgindo bons negócios. Elas estão em todo lugar, construindo hidrelétricas, estradas, pontes, viadutos, ferrovias. São as grandes beneficiárias de uma mudança de orientação dos dirigentes chineses que, antes, estimulavam as províncias a produzir tudo de que necessitavam, como forma de tornar dispensável a criação de uma infra-estrutura de transportes. Assim, por exemplo, havia 20 mil pequenas usinas de âmbito regional, produzindo energia a um

custo total muito superior ao das grandes hidrelétricas que agora estão sendo implantadas (inclusive a de Três Gargantas, maior que Itaipu e com características semelhantes a Xingó).

O país caiu na real e hoje está criando toda a infra-estrutura de que pensava poder prescindir. Recorre, para tanto, em grande parte a empresas brasileiras, muito respeitadas por lá, pois, como enfatiza Setubal, "o Brasil foi o último grande país a construir sua infra-estrutura, daí ser hoje um dos mais capacitados para desenvolver grandes empreendimentos".

Ele acrescenta que os empresários brasileiros, surpreendentemente, se movimentam na China como peixes dentro d'água: "Negociam em inglês, levam seus itinerários em ideogramas chineses, conseguem sempre se fazer entender, chegar onde querem e fechar as transações. Não há choque cultural algum. Para eles, é como estar no bairro paulistano da Liberdade".

Já os chineses, na avaliação do diretor da Fiesp, são "negociadores terríveis, misturando autoridade com humildade aparente no melhor estilo mandarinesco, o que não impede de serem simpáticos". A formação materialista, conclui, gerou "gente muito objetiva e pragmática, com a qual dá para se entender perfeitamente".



Edifício-sede de firmas estrangeiras.

CHERKASSKY: PRODUÇÃO CRESCE EM 94.

No documento que preparou para o almoço de confraternização do setor, o presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, prevê que, no ano que vem, a produção nacional de papel deverá crescer 6% e a de celulose 8%, "em função do aumento do nível de utilização da capacidade instalada". Segue texto na íntegra e tabelas.

O setor em 1993

O setor de Papel e Celulose é composto por 230 empresas que operam 264 unidades industriais, localizadas em 17 Estados brasileiros. Utilizando exclusivamente madeiras provenientes de florestas plantadas, o setor conta atualmente com 1,5 milhão de hectares de reflorestamentos próprios, principalmente pinus (38%) e eucalipto (59%).

Setor tradicionalmente controlado por capitais nacionais (87%) apresenta, segundo estatísticas da ANFPC que cobrem um universo de 216 empresas responsáveis por 98% da produção nacional, os seguintes níveis de integração industrial;

| Nível de integração | Nº de empresas |
|--------------------------|----------------|
| Pastas, Celulose e Papel | 5 |
| Pastas e Papel | 36 |
| Celulose e Papel | 29 |
| Pastas | 29 |
| Celulose | 5 |
| Papel | 112 |

Em 1993, essas empresas proporcionaram 71 mil empregos em suas atividades industriais e 46 mil nas florestais, perfazendo um total de 117 mil empregos diretos.

No período de 1983-1993, a taxa de crescimento médio anual da produção nacional de papel foi de 4,6% e a de celulose, 5,3%.

No final de 1993, a capacidade instalada do setor situava-se em 6,7 milhões de toneladas de papel e 6,5 milhões de toneladas de celulose. O nível de utilização no exercício foi de 80% e 85%, respectivamente, para papel e celulose, e as empresas reciclaram cerca de 1,5 milhão de toneladas de aparas/papéis velhos em seus processos de produção.

A produção brasileira de papel, no exercício, foi de 5,4 milhões de toneladas, 8,7% acima da do ano anterior, e a de celulose e pastas, 5,5 milhões de toneladas, com crescimento de 3,7%.

Os papéis para embalagem e os papéis para imprimir/escrever participaram com 44% e 31%, respectivamente, da produção nacional. A celulose branqueada de eucalipto participou com 61% do total da celulose produzida.

Da produção nacional, o mercado interno, constituído pelas vendas domésticas e consumo próprio das empresas, absorveu 75% do papel e 62% da celulose, e o restante foi destinado à exportação.

O consumo nacional de papel cresceu 12,4% no ano, atingindo 4,5 milhões de toneladas. O consumo per capita foi de 29,4 Kg, contra 26,6 Kg em 1992.

O setor exportou 1,2 milhão de toneladas de papel e 1,9 milhão de toneladas de celulose de celulose, registrando redução de 2% no primeiro e crescimento de 18% no segundo, em relação ao ano anterior. A receita das exportações, afetada pelos baixos preços internacionais, foi de US\$ 1,5 bilhão, igual à do ano anterior.

O faturamento do setor, em 1993, foi estimado no equivalente a US\$ 5,5 bilhões e os impostos diretos gerados pelas empresas, US\$ 700 milhões.

No exercício, o país importou 320 mil toneladas de papel (200 mil toneladas de papel imprensa) e 65 mil toneladas de celulose fibra longa branqueada. O valor dessas importações foi de US\$ 330 milhões, 13% acima ao de 1992.

Reflorestamento: Em 1993, o setor realizou plantios de 11

mil hectares, ampliando sua base florestal para 1,5 milhão de hectares próprios. O consumo de madeira durante o ano foi estimado em 26,6 milhões de m³, sendo 84% para produção de celulose/pastas e 16% para fins energéticos.

Os reflorestamentos mantidos pelo setor incorporam modernas técnicas silviculturais, principalmente na área de biotecnologia, registrando produtividade média de 24 m³ de madeira/ha/ano de pinus e 30 m³ de madeira/ha/ano de eucalipto. Há esforços para dobrar esses números até o final da década.

Investimentos

O Brasil é o 13º colocado entre os maiores produtores mundiais de celulose e de papel. O setor conta com o alto nível de capacitação técnico-profissional e investe continuamente na atualização e expansão de seu parque produtivo. Atestando a

excelente qualidade do produto nacional, diversas empresas já foram certificadas por institutos internacionais por conformidade às Normas ISO-9000.

Em 1993, com a entrada em funcionamento de projetos iniciados no princípio da década, foram agregadas 516 mil toneladas de papel à capacidade instalada do setor.

No período de 1989/1993 o setor realizou investimentos equivalente a US\$ 6,1 bilhões. Atualmente, segundo levantamento da ANFPC, existem projetos em execução no valor de US\$ 1,5 bilhão e projetos em estudo que poderiam representar investimentos de US\$ 4,4 bilhões até o final do século. Esses projetos, no entanto, dependem da melhoria dos preços internacionais do papel e da celulose, da estabilidade econômica do País e de financiamentos de longo prazo.

A competitividade do setor,

PRODUÇÃO NACIONAL - EM 1.000 TONELADAS

| | Variação % | | | |
|-------------------------------|--------------|--------------|------------|-------------|
| | 1993 | 1992 | 1933/1992 | 1992/1991 |
| PAPEL | | | | |
| Imprensa | 266 | 237 | 12,2 | (6,3) |
| Imprimir/Escrever | 1.643 | 1.397 | 17,6 | 1,7 |
| Embalagem | 2.337 | 2.224 | 5,1 | (0,3) |
| Sanitários | 456 | 442 | 3,2 | 5,5 |
| Cartão/Cartolinas | 525 | 502 | 4,6 | (1,6) |
| Especiais | 123 | 118 | 4,2 | (7,8) |
| Total | 5.350 | 4.920 | 8,7 | 0,1 |
| CELULOSE | | | | |
| Fl. Branqueada | 283 | 239 | 18,4 | 6,2 |
| Fl. Não-Branqueada | 1.059 | 1.023 | 3,5 | 3,5 |
| FC Branqueada | 3.337 | 3.247 | 2,8 | 16,2 |
| FC. Não-Branqueada | 340 | 362 | (6,1) | 6,8 |
| Total | 5.019 | 4.871 | 3,0 | 12,1 |
| PASTAS DE MADEIRA | | | | |
| | 481 | 432 | 11,3 | 0,0 |
| PAPEL-CONSUMO APARENTE | | | | |
| | 1.000 t | | % | |
| Produção | 5.350 | 4.920 | 8,7 | |
| Importação - Decex | 320 | | 13,5 | |
| Exportação - Decex | 1.210 | 1.235 | (2,0) | |
| C.A. | 4.460 | 3.967 | 12,4 | |
| População - Milhões | 151,7 | 148,9 | 1,9 | |
| Consumo per capita (kg/hab) | 29,4 | 26,6 | 10,5 | |
| Fonte: ANFPC | | | | |
| Dados estimados para 1993 | | | | |

**PAPEL BRANCO
ACEITA QUALQUER COISA
PAPEL MAIS BRANCO
SÓ ACEITA**

QUIMICEL

Com QUIMICEL você

produz papéis de
alvura inigualável.

QUIMICEL é uma carga

mineral atóxica

e não-abrasiva

e tem a qualidade

garantida pela SERRANA.

 **Serrana**

Serrana S.A. de Mineração

Assist. Técnica - (0138) 54-1210 ramais 331/343

QUIMICEL - A ALVURA DO PAPEL

| DESTINO DA PRODUÇÃO NACIONAL DE PAPEL (1) EM 1.000 TONELADAS | | | | |
|---|-----------|-------|-----------|-----------|
| | Variação% | | | |
| | 1993 | 1992 | 1933/1992 | 1992/1991 |
| CONSUMO PRÓPRIO | 887 | 687 | 29,1 | (9,0) |
| Embalagem | 851 | 643 | 32,3 | (9,9) |
| Outros | 36 | 44 | (18,2) | 7,3 |
| VENDAS DOMÉST./COLIG. | 3.113 | 2.955 | 5,3 | (6,0) |
| Imprensa | 234 | 218 | 7,3 | (6,4) |
| Imprimir/Escrever | 895 | 768 | 16,5 | (10,7) |
| Embalagem | 1.012 | 1.040 | (2,7) | (6,3) |
| Sanitários | 419 | 424 | (1,2) | 3,2 |
| Cartão/Cartolina | 452 | 406 | 11,3 | (3,8) |
| Especiais | 101 | 99 | 2,0 | (7,5) |
| VENDAS EXTERNAS | 1.210 | 1.235 | (2,0) | 14,2 |
| Imprensa | 25 | 33 | (24,2) | 175,0 |
| Imprimir/Escrever | 701 | 583 | 20,4 | 15,7 |
| Embalagem | 399 | 451 | (11,5) | 1,8 |
| Sanitários | 17 | 28 | (39,3) | 180,0 |
| Cartões/Cartolinas | 58 | 94 | (38,3) | 22,1 |
| Especiais | 10 | 46 | (78,3) | 48,4 |

Fonte: Vendas externas: ANFPC - SECEX/CTIC
 Receita das exportações de papel (Cap. 48) prevista para 1993:
 US\$ 700 milhões
 (1) exclui estoques

| DESTINO DA PRODUÇÃO NACIONAL DE CELULOSE (1) EM 1.000 TONELADAS | | | | |
|--|------------|-------|-----------|-----------|
| | Variação % | | | |
| | 1993 | 1992 | 1933/1992 | 1992/1991 |
| CONSUMO PRÓPRIO | | | | |
| Celulose | 2.330 | 2.390 | (2,5) | 4,2 |
| FL. Branqueada | 60 | 64 | (6,3) | 3,2 |
| FL. Não-Branqueada | 978 | 998 | (2,0) | 4,5 |
| FC. Branqueada | 972 | 1.002 | (3,0) | 3,4 |
| FC. Não-Branqueada | 320 | 326 | (1,8) | 6,2 |
| PASTAS DE MADEIRA | 415 | 367 | 13,1 | (1,1) |
| VENDAS DOMÉSTICAS/COLIGADAS | | | | |
| Celulose | 597 | 639 | (6,6) | (4,9) |
| FL. Branqueada | 88 | 82 | 7,3 | 3,8 |
| FL. Não-Branqueada | 23 | 24 | (4,2) | (20,0) |
| FC. Branqueada | 464 | 512 | (9,4) | (6,1) |
| FC. Não-Branqueada | 22 | 21 | 4,8 | 16,7 |
| PASTAS DE MADEIRA | 58 | 54 | 7,4 | 14,9 |
| VENDAS EXTERNAS | | | | |
| Celulose | 1.920 | 1.630 | 17,8 | 19,4 |
| FL. Branqueada | 115 | 91 | 26,4 | 4,6 |
| FL. Não-Branqueada | - | - | - | - |
| FC. Branqueada | 1.796 | 1.529 | 17,5 | 20,1 |
| FC. Não-Branqueada | 90 | 10 | (10,0) | 100,0 |
| PASTAS DE MADEIRA | 7 | 6 | 16,7 | (33,3) |

Fonte: Vendas externas: ANFPC - SECEX/CTIC
 Receita das exportações de celulose (Cap. 47) prevista para 1993:
 US\$800 milhões
 (1) exclui estoques.

fortemente baseada na alta produtividade florestal, vem sendo bastante pressionada nos últimos anos devido à instabilidade da economia brasileira, ao alto custo do capital, escassez de linhas compatíveis de financiamento, pesada carga tributária, altos custos portuários e política industrial indefinida.

Perspectivas para 1994

Previsões de institutos especializados na indústria (RISI,

FAO, etc.) indicam que o consumo mundial de papel (em 1992: 246 milhões de toneladas), deverá crescer à taxa média anual de 2,5% até o final do século.

Essa evolução do consumo, no entanto, depende da recuperação das economias americana, europeia e japonesa, que registram dificuldades para retomar os seus níveis históricos de crescimento.

A retração da demanda mundial e a entrada simultânea de

novas capacidades de produção nos últimos dois anos provocaram a queda dos preços internacionais do papel e da celulose, cuja recuperação gradual é esperada durante 1994.

Quanto ao mercado nacional, a previsão é de que a demanda registre um crescimento de 1 a 2 pontos acima do índice do PIB

nos próximos anos.

Segundo previsão da ANFPC, a produção nacional de papel em 1994 deverá crescer 6% e a de celulose 8% em função do aumento do nível de utilização da capacidade instalada, notadamente em função das novas máquinas que entraram em funcionamento em 1993.

PROJETO EM EXECUÇÃO E INTENÇÕES DE INVESTIMENTO DO SETOR CELULÓSICO-PAPELEIRO NO PERÍODO DE 1994/2000
 Capacidade de Produção em 1.000 toneladas/ano e Investimentos em US\$ milhões.

| Fase do projeto | Investimento | PAR | | CELULOSE | | | | | PAPEL | | | | | |
|-------------------------------|----------------------------|----------------------------|-----------------|-------------|----------|-------------|------------|------------|------------|----------|-----------|------------|-----------|-----------|
| | | Capacidade e Termomecânica | Quimitemecânica | Fibra curta | | Fibra longa | | Dissolução | Impressão | | | | | |
| | | | | Branq. | N/Branq. | Branq. | N/Branq. | | Imprensa | Escrever | Embalagem | Sanitários | Cartões | Especiais |
| 1- Em execução | | | | | | | | | | | | | | |
| 1000 t/ano | PM.43/C.690/P.207 | 43 | | 590 | - | - | - | 100 | 10 | - | 53 | 48 | 96 | - |
| US\$ milhões | 1.493 | 13 | | 1211 | - | - | - | 125 | 20 | - | 13 | 19 | 92 | - |
| 2- Intenções e estudos | | | | | | | | | | | | | | |
| 1000 t/ano | PM.245/C.1539/P.359 | 245 | | 1539 | - | 109 | 234 | - | 250 | - | 46 | 52 | - | 11 |
| US\$ milhões | 4.379 | 130 | | 3583 | - | 230 | 136 | - | 192 | 52 | 52 | - | 4 | |
| Total - 1000 t/ano | PM.288/C.2229/P.566 | 288 | | 2129 | - | 109 | 234 | 100 | 260 | - | 99 | 100 | 96 | 11 |
| US\$ milhões | 5872 | 142 | | 4794 | - | 230 | 136 | 125 | 212 | - | 65 | 71 | 92 | 4 |

PM = Pasta de Madeira — C = Celulose — P = Papel

Fonte: ANFPC

TRIBUTAÇÃO EXCESSIVA TIRA COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS BRASILEIRAS

Economistas e tributaristas divergem quanto à afirmação de que o País seria campeão mundial de impostos, mas são unânimes em apontar graves distorções no modelo brasileiro.

Alebre foi levantada pela Arthur Andersen, antes mesmos da União antecipar a cobrança de vários tributos e tentar obter do Congresso o aval para mais uma investida contra o bolso dos contribuintes na forma de elevação em 5% de todos os impostos federais. Pesquisa realizada por essa empresa de consultoria, com base nos principais tributos incidentes sobre as pessoas jurídicas em 20 países da América Latina, América do Norte, Europa e Ásia/Pacífica, revelou que o Brasil é campeão mundial de tributos.

Dentre as graves consequências geradas pelo modelo tributário brasileiro, o estudo aponta a deterioração do poder de compra do trabalhador; enfraquecimento progressivo do mercado interno; a crescente transferência de renda do trabalho para o Estado e, contrariando a tendência mundial, forte concentração de tributos sobre os que geram riquezas. Outra preocupante constatação: apesar dos baixos salários pagos aos trabalhadores, o país está cada vez mais em desvantagem no comércio internacional, perdendo competitividade externa em decorrência dos altos tributos e encargos embutidos nos produtos nacionais. Como agravante, diversos setores da economia brasileira estão sofrendo uma competição desigual com a entrada de importados produzidos com impostos bem mais baixos.

Segundo a Arthur Andersen, no Brasil, praticamente a metade do resultado obtido pelas indústrias durante o trabalho de um ano vai parar nos cofres públicos: a alíquota básica de imposto de renda sobre as empresas industriais chega a 45,8% (25% de alíquota normal, 10% sobre o

Gandra: sistema gera recessão, inflação, desemprego, corrupção ...



lucro excedente, 1,75% de adicional estadual e 9,09% de contribuição social), contra a taxa média de 33,3% na América Latina, 35,6% na América do Norte/Europa e 27,1% na Ásia/Pacífico.

As empresas de serviços também são recordistas mundiais em pagamento de imposto: 45,8%, contra 33,3% na América Latina, 37,7% na América do Norte/Europa e 27,1% na Ásia/Pacífico.

Ao contrário dos países pertencentes aos blocos asiático e europeu que preferem concentrar a tributação direta nas pessoas físicas ao invés da jurídica, com o objetivo de melhorar as condições de competitividade da economia como um todo, o Brasil apresenta uma das maiores diferenças, de até 22%, para menos, na tributação das pessoas físicas em comparação com as jurídicas. A alíquota máxima de imposto de renda para as pessoas físicas situa-se, no Brasil, em 25%, a menor tributação entre os países pesquisados pela Arthur Andersen: 42,8% na Ásia/Pacífico, 45,6% na América do Norte/Europa e 29,6% na América Latina.

Um dos tigres asiáticos, a Coreia do Sul, por exemplo, tributa a pessoa física 30% a mais do que a pessoa jurídica.

O IR pessoa física é alto nos países pesquisados mas, conforme ressalta o sócio-diretor da Arthur Andersen, Lúcio Cesar Montanini, como são permitidos abatimentos - despesas com restaurantes, aluguel, depreciação de bens, prejuízos na venda de imóveis etc., é possível conseguir forte redução no imposto final, ao passo que, no Brasil, a alíquota de 25% é real, sem se ter a contrapartida de bons serviços públicos.

A pesquisa de Arthur Andersen detecta que o Brasil é recordista mundial também no imposto sobre valor agregado (IPI e ICMS): 28,7%, contra apenas 5,3% na Ásia/Pacífico, 15,1% na América do Norte/Europa e 15,3% na América Latina. Japão e Singapura, duas economias fortemente voltadas para as exportações, taxam a produção à alíquota de apenas 3%. Como estes impostos indiretos impactam de maneira significativa o desenvolvimento econômico, à medida em que encarecem

QUADRO 1
PESQUISA SOBRE TRIBUTAÇÃO GLOBAL

| Descrição | Empresas de Serviços | | | | Empresas Industriais | | | |
|---|----------------------|-----------------|---------------|--------|----------------------|-----------------|---------------|--------|
| | Am.Latina | Am.Norte/Europa | Ásia/Pacífico | Brasil | Am.Latina | Am.Norte/Europa | Ásia/Pacífico | Brasil |
| Alíquota básica de Imposto de Renda | 33,3% | 37,7% | 27,1% | 45,8% | 33,3% | 35,6% | 27,1% | 46,8% |
| Alíquota máxima de Imposto de Renda p/ pessoas físicas | 29,6% | 45,6% | 42,8% | 26,0% | 29,6% | 45,6% | 42,8% | 26,0% |
| Encargos sociais obrigatórios para empresas | 18,9% | 26,7% | 10,3% | 36,4% | 19,2% | 27,0% | 10,3% | 37,4% |
| Encargos sociais obrigatórios para empregados | 7,7% | 10,2% | 9,0% | 9,0% | 7,7% | 10,2% | 9,0% | 9,0% |
| Imposto sobre valor agregado | 12,6% | 16,1% | 6,3% | N/A | 15,3% | 16,1% | 6,3% | 28,7% |
| Outros impostos Estaduais e Municipais | 2,6% | 10,4% | 10,1% | 6,0% | 1,6% | 10,8% | 10,1% | N/A |
| Dedutibilidade de despesas pagas ao exterior | NÃO | SIM | SIM | NÃO | NÃO | SIM | SIM | NÃO |
| Alíquota básica de Imposto de Renda sobre Fringe Benefits | 29,0% | 45,2% | 44,1% | 25,0% | 29,0% | 45,2% | 44,1% | 25,0% |

Fonte: Arthur Andersen

toda a cadeia econômica e dificultam o desempenho do país em seu comércio exterior, o estudo da Arthur Andersen identifica aí um dos principais fatores explicativos para a grande defasagem do Brasil em relação ao mundo.

Os encargos sociais obrigatórios para as indústrias são igualmente, no Brasil, os mais elevados do planeta: 37,4% segundo a Arthur Andersen e entre 60% e 125% de acordo com Noronha - Advogados, Ltd. (ver quadro), que assim relaciona os custos: INSS, 37%; FGTS, 8%; férias (mais 33% e mais 45% de INSS e FGTS), 8,25%; 13º salário (mais 45% de INSS e FGTS),

8,25%; e caso de demissão (mais multa de 40%), 8,25%.

Pelos cálculos dos tributaristas da Arthur Andersen, o empregado brasileiro custa para a empresa praticamente o dobro do que ele recebe como salário, incluindo-se os custos de assistência médica privada (em que há duplicidade de gastos com planos de saúde particular e Previdência), décimo-terceiro, férias etc. "A empresa se vê obrigada a pagar menos ao trabalhador registrado, deteriorando assim o seu poder de compra e o consumo interno", ressalta Montanini.

O estudo da Arthur Andersen adverte que os elevados custos sociais também vêm desestimulando a contratação de mão-de-obra. Além deste efeito perverso, os encargos tornam os produtos mais caros, alimentam a inflação, diminuem o poder aquisitivo do consumidor e o trabalhador acaba amargando um dos piores serviços de assistência do mundo.

GANDRA: INIQUIDADE.

"Num sistema iníquo e autofágico, a sonegação se transforma, para grande parte dos que não pagam impostos, na única forma de sobrevivência", afirma o tributarista Ives Gandra da Silva Martins,

professor emérito da Universidade Mackenzie. Ele lembra a experiência universal no sentido de que, quanto mais elevada a alíquota dos impostos, maior é a incidência de sonegação. "Não há lei que possa mudar a natureza humana."

Dentre as distorções do sistema tributário brasileiro, Gandra aponta a superposição de impostos: IPI, ICMS, PIS, Pasep, Cofins e ISS incidem sobre a mesma base (circulação de bens e serviços), da mesma forma que IPTU, ITR, IPVA e o imposto em gestação sobre grandes fortunas (patrimônio). "Na prática, poderiam ser só quatro: um federal sobre a exportação de produtos; um federal sobre renda e proventos de qualquer natureza; um estadual sobre a circulação de mercadorias e prestações de serviços; e um municipal sobre a propriedade predial e territorial (urbana e rural)", assinala, lembrando que elaborou propostas de emenda constitucional neste sentido, atualmente na pauta dos trabalhos de revisão da Carta.

E, em termos mais genéricos, ele pleiteia um sistema tributário "menos complicados, razoavelmente inteligível para o contribuinte e que procurasse promover o desenvolvimento com justiça social, ampliando a arrecadação a partir de aumento



Macedo: é errado tributar consumo.

QUADRO 2
PESQUISA SOBRE TRIBUTAÇÃO DE EMPRESAS INDUSTRIAIS

| Descrição | EUA | Canadá | Alemanha | França | Itália | Portugal | Austrália | Japão | Coréia | Singapura | Taiwan | Argentina | México | Brasil |
|---|-------|--------|----------|--------|--------|----------|-----------|-------|--------|-----------|--------|-----------|--------|--------|
| Alíquota básica de Imposto de Renda | 34 | 22,84 | 36 | 33 | 62,2 | 36 | 33 | 40 | 20 | 27 | 25 | 30 | 35 | 46,8 |
| Alíquota máxima de Imposto de Renda p/ pessoas físicas | 31 | 31,32 | 53 | 56,8 | 51 | 40 | 47 | 50 | 60 | 30 | 40 | 30 | 35 | 25 |
| Encargos sociais obrigatórios para empresas | 7,65 | 2,5 | 19,5 | 50 | 53 | 24,5 | 5 | 12,1 | 3,5 | 18,5 | 5,6 | 33 | 16,58 | 37,4 |
| Encargos sociais obrigatórios para empregados | 7,65 | 2,5 | 19,5 | 15 | 9,6 | 11 | 1,4 | 11,75 | 6,5 | 21,5 | 1,4 | 16 | 4,85 | 9 |
| Imposto sobre valor agregado | N/A | 7 | 15 | 18,6 | 19 | 16 | N/A | 3 | 10 | 3 | 5 | 18 | 10 | 28,7 |
| Outros impostos Estaduais e Municipais | 12,26 | 13 | 15 | 3,5 | 7,6 | 6 | N/A | 12,6 | 7,5 | N/A | N/A | 1,5 | 2 | N/A |
| Dedutibilidade de despesas pagas ao exterior | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | NÃO | NÃO | NÃO | NÃO |
| Alíquota básica de Imposto de Renda sobre Fringe Benefits | 31 | 31,32 | N/A | 56,8 | 51 | N/A | 48,25 | N/A | N/A | N/A | N/A | N/A | N/A | - |
| Outros impostos | - | - | N/A | - | - | N/A | - | - | N/A | N/A | N/A | - | - | - |

Fonte: Arthur Andersen

da produção e não de elevação de alíquotas”.

Uma recomendação interessante para o Brasil, cita Gandra, é a que foi feita pelo Prêmio Nobel de Economia, Paul Samuelson: quando há um processo de inflação elevada, vale condicionar a redução da carga tributária das empresas ao compromisso por elas assumido de elevar seus preços abaixo da inflação. “Com isto, os concorrentes são obrigados a praticar preços semelhantes e o governo ganha de todo o lado: com a queda da inflação, o aumento da produção e da arrecadação.”

As soluções racionais, entretanto, esbarram em muitas resistências, afirma o tributarista, indignado com a situação criada a partir da Constituição de 1988: “Temos 120 mil legisladores no País, 5 mil

poderes Executivos, 5 mil legislativos. A União fica com poucos recursos e transfere demais para os Estados e municípios, que se multiplicam de tal forma que a sociedade não pode mais sustentá-los”.

Daí a importância da revisão constitucional, conclui Gandra: “Ou lutamos agora ou o sistema vai continuar gerando sonegação, recessão, inflação, desemprego e corrupção”.

MACEDO: MÁ DISTRIBUIÇÃO.

Roberto Macedo discorda de que o Brasil seja campeão mundial de impostos garantindo que essa discutível supremacia pertence a países como a Itália, França, Canadá e Alemanha, onde a carga tributária gira em torno de 50%. “O problema de nossa carga é que ela é mal distribuída, alta para quem paga mas permitindo que muitos escapem, não preenchendo, portanto o requisito da universalidade. Além disto, é complicada ao extremo, com excesso de tributos”, assinala o professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, que foi secretário de Política Econômica no governo Collor.

Ele também apresenta uma proposta de corte de tributos, reduzindo os impostos a cinco: o de renda (pessoas físicas e jurí-

dicas); um sobre valor adicionado, como o atual ICMS; um sobre produtos básicos de alta densidade tributária, “tipo IPI”; um sobre propriedade territorial rural e urbana; e um sobre serviços. Além disto, haveria as contribuições previdenciárias, incidindo uma parcela sobre a folha de pagamento e outra sobre o valor adicionado.

Cobrando isso direito e de todos, teríamos um sistema igual ao dos países do 1º Mundo”, garante Macedo, lembrando que a lógica da economia liberal é tributar a renda do indivíduo. “Se você tributa o consumo, interfere na escolha da pessoa. Temos de reduzir os impostos indiretos e aumentar os diretos”.

Exemplifica com a indústria automobilística, que carrega uma carga tão pesada que causa distorção sobre o uso dos recursos da economia. “Por isto é que o brasileiro acha os preços tão baratos no exterior e volta de Miami abarrotado de compras. É que lá os impostos indiretos são bem mais baixos.”

A Constituição de 1988 também é incriminada por Macedo: “Promete muitos, mas a arrecadação não é suficiente para pagar todos os direitos relacionados. Então, ou se reescreve a apólice ou se aumenta o prêmio”, brinca, fazendo uma comparação com seguros.

QUADRO 3
ENCARGOS SOCIAIS

| | |
|----------------|-------------|
| Brasil | 60% a 125% |
| México | 19,5% |
| Reino Unido | 2% a 19,45% |
| Estados Unidos | 19,85% |
| Argentina | 33% |
| Japão | 29% |
| Coréia | 0 |
| Chile | 20,9% |

Fonte: Noronha-Advogados, Ltd.



Enquanto o Brasil carrega nos impostos indiretos, países desenvolvidos respeitam direito de escolha do consumidor.

“O grande nó é político, está na concordata do setor público, com um desequilíbrio crônico entre receita e despesa e uma dívida que não pode ser paga da forma como foi contratada”, diagnostica. Então, finaliza, é preciso aumentar a receita ou cortar a despesa,

além de renegociar a dívida interna. “Mas, para tanto, são necessários a percepção do problema, a vontade de resolvê-lo, a existência de uma liderança competente e o apoio da sociedade. E estes fatores não estão colocados.”

A EXASPERAÇÃO DOS LÍDERES EMPRESARIAIS

“Todo final de ano o governo vai ao bolso do contribuinte para obter os recursos de que necessita. São pequenas, mas duras e maléficas pauladas na produção. Já vivemos uma situação difícil, com um grande volume de empresas inadimplentes, as quais terão suas dificuldades agravadas com a Medida Provisória 368. Não é a produção e o emprego que devem ser combatidos, mas sim a inflação. Como medidas efetivas para reduzir o déficit público, recomendamos a redução das despesas do próprio governo, o combate sério à sonegação para se conseguir um aumento da arrecadação e um programa agressivo de privatizações.” (Carlos Eduardo Moreira Ferreira, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

“Nós temos uma carga tributária excessiva, que causa problemas graves para o Brasil. É negativa para nosso desenvolvimento industrial e atrapalha a busca de competitividade. As exportações, por exemplo, dependem muito das taxas que as sobrecarregam e, dada a sua importância para o País, de-



Ferreira: “pauladas na produção”.

veriam ser favorecidas em todos os aspectos. Não é o que acontece. Para termos plena competitividade nos mercados mundiais, precisaríamos desfrutar das mesmas condições de nossos concorrentes, evitando exportar tributos.” (Horácio Cberkassky, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose)

“O Brasil é um dos campeões mundiais de tributos. E o maior problema é que o tributo, no caso brasileiro, incide sobre a produção, o que funciona como freio à expansão dos negócios e do emprego. E mais: a burocracia para se recolher imposto custa muito caro às empresas. Basta dizer que o regulamento do IR tem cerca de 1.100 artigos e uns 400 parágrafos. Isso contribui

para tornar os tributos ainda mais pesados.” (Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo)

“O sistema tributário brasileiro é extremamente distorcido e perverso. Penaliza a camada da população de menor poder aquisitivo, pois é muito concentrado em impostos indiretos, que incidem sobre produtos básicos. Por outro lado, é irracional em relação ao empresariado, na medida em que tributa investimentos e exportações. Conta, além disso, com impostos que incidem em cascata, alíquotas elevadas e uma burocracia extremamente onerosa. Também para o próprio Fisco o custo burocrático é pesado. Não serve, portanto, nem ao governo e nem aos contribuintes. Precisamos de uma reforma tributária profunda, via revisão constitucional.” (Lincoln da Cunha Pereira, presidente da Associação Comercial de São Paulo).

“Dos juros reais pagos hoje por um tomador de empréstimos no Brasil, o governo fica com 47,7%. São os impostos e contribuições cobrados do aplicador dos recursos,

PANZARINI: CARGA ADEQUADA.

“Nem o número de tributos é exagerado, nem a carga tributária é incompatível com o grau de desenvolvimento do País.” Esta é a opinião do assessor de Política Tributária da Secretaria da Fazenda de São Paulo, Clóvis Panzarini, que não perdoa os formadores de opinião: “Os meios de comunicação ficam dia e noite malhando os impostos e, ao mesmo tempo, reclamam dos serviços do Estado. A sociedade que pede menos tributos é a mesma que se indignou quando 6,5 milhões de alunos ficaram sem aula em São Paulo”.

Uma carga tributária ao redor de 25% do PIB não difere da de países que têm mais ou menos a mesma renda per capita, garante. “O que a sociedade brasileira precisa é definir o tamanho do Estado que

do banco e do próprio tomador de empréstimos, que oneram as taxas de juros no Brasil. É um equívoco responsabilizar os bancos pelas taxas de juros reais praticadas no País. Dos juros reais que efetivamente contam, o banco fica com 16,6% e o investidor, que aplicou o dinheiro no banco para ser emprestado, ganha 35,7%. Para os bancos essa carga tributária excessiva é altamente prejudicial, pois onera em demasia a taxa de juros, reduzindo o número de tomadores e os negócios bancários. Ao lado da recessão, esse tem sido um dos fatores responsáveis pelo recolhimento do setor bancário, cuja participação no Produto Interno Bruto do País caiu de 24,1% em 1989 para 9,30% em 1992, segundo dados do IBGE.” (Alcides Lopes Tápias, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos)

“A agricultura em hipótese nenhuma suporta mais tributos. Estamos lutando para evitar que novos impostos venham agravar as condições já tão difíceis dos produtores paulistas.” (Fábio Meirelles, presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo).

deseja e pagar por isto. Se quer educação e saúde de boa qualidade, aposentadoria precoce para todo mundo, isto tem um preço. Agora, se preferir pagar só 10% do PIB, então que opte por um governo que cuide só de Justiça, Segurança Nacional e Relações Exteriores.”

Sua comparação favorita é de governo com um condomínio: paga-se pelo que se tem, pois o síndico não inventa recursos. “Então, estão faltando uns 4% ou 5% do PIB para o equilíbrio do setor público. Cabe à coletividade escolher, ou paga mais impostos ou indica onde quer cortar. Caso contrário, como não existe lanche grátis, continuará havendo um imposto inflacionário a cobrir esse rombo.” Ele faz questão de ressaltar que sua postura não é a de omitir a existência de despesas inúteis por parte do Estado. Mas alerta que está se chegando a um impasse absoluto com o acúmulo de distorções “Temos um governo ineficiente na prestação de serviços à coletividade, empresas estatais sem compromisso com a produtividade e uma elite que quer sonegar. Assim não dá”, desabafa.

Em termos técnicos, ele contesta a existência de 57 impostos, conforme tem saído na mídia: “São apenas 14, mais uma meia dúzia de contribuições sociais. O restante são taxas, que existem e devem existir em qualquer parte do mundo, pois são a contraprestação de um serviço proporcionado pelo Estado individualmente a um contribuinte”.

E descarta a necessidade de se recorrer à revisão constitucional para simplificar o sistema tributário brasileiro, pois “isto depende é da cabeça dos burocratas estatais encarregados de gerenciar o sistema”. Admite, entretanto, que há imperfeições a serem sanadas na revisão da Carta:

- as contribuições sobre faturamento são cumulativas, incidem em cascata e são danosas à economia;
- o Brasil é o único país do mundo que tem dois impostos sobre valor agregado (IPI e ICMS), eles deveriam ser fundidos; e
- os impostos não deveriam onerar investimentos (bens de capital) nem exportações.

BARRIZELLI: PARASITISMO

Uma noção habitualmente aceita pelos economistas — a de que a sonegação é um mal, pois torna mais pesada a carga para os contribuintes incapazes de escapar à tributação — encontra um ardoroso opositor em Nelson Barrizelli, o professor da Faculdade de Economia e Administração da USP que se destacou no final da década passada por provar que a economia informal tinha um peso muito maior do que se supunha, gerando um PIB adicional correspondente a 50% do PIB oficial.

Agência Estado



Barrizelli: sonegação é defesa.

“O Estado brasileiro é parasitário e suga energias do corpo sadio da economia, que reage criando seus próprios mecanismos. Todos tentam se proteger do Estado, pois sabem que, se forem alcançados, seus recursos sumirão no buraco do desperdício”, diz. Para ele, a disfunção não está na sonegação, mas sim na existência de um Estado incapaz de se gerenciar e que exige cada vez mais recursos. “Se o País, de modo geral, ainda funciona, isto se deve em grande parte à vitalidade da economia, regida pelas leis naturais do mercado”, garante.

A sempre repetida tentativa do Estado brasileiro de impor maiores tributos aos contribuintes e a resistência da sociedade a essas investidas são o lado visível de um conflito mais profundo, na avaliação de Barrizelli: “Aqui, o Estado é mais poderoso que a Nação e ambos passaram a se combater. Então, se ao invés de uma sinergia de Estado e Nação em benefício da socie-

dade, há um processo de entropia. E a economia definha em função disto”.

Qual a saída? “Ou um general fecha tudo ou passamos pelas dores de parto de uma reconstrução”, assinala Barrizelli, lembrando que o Brasil é um país ainda com grande potencial, cuja trajetória vem sendo acompanhada atentamente por investidores estrangeiros: “Somente a desorganização do Estado brasileiro atrapalha o fluxo de capitais”.

MAY: SISTEMA ONEROSO

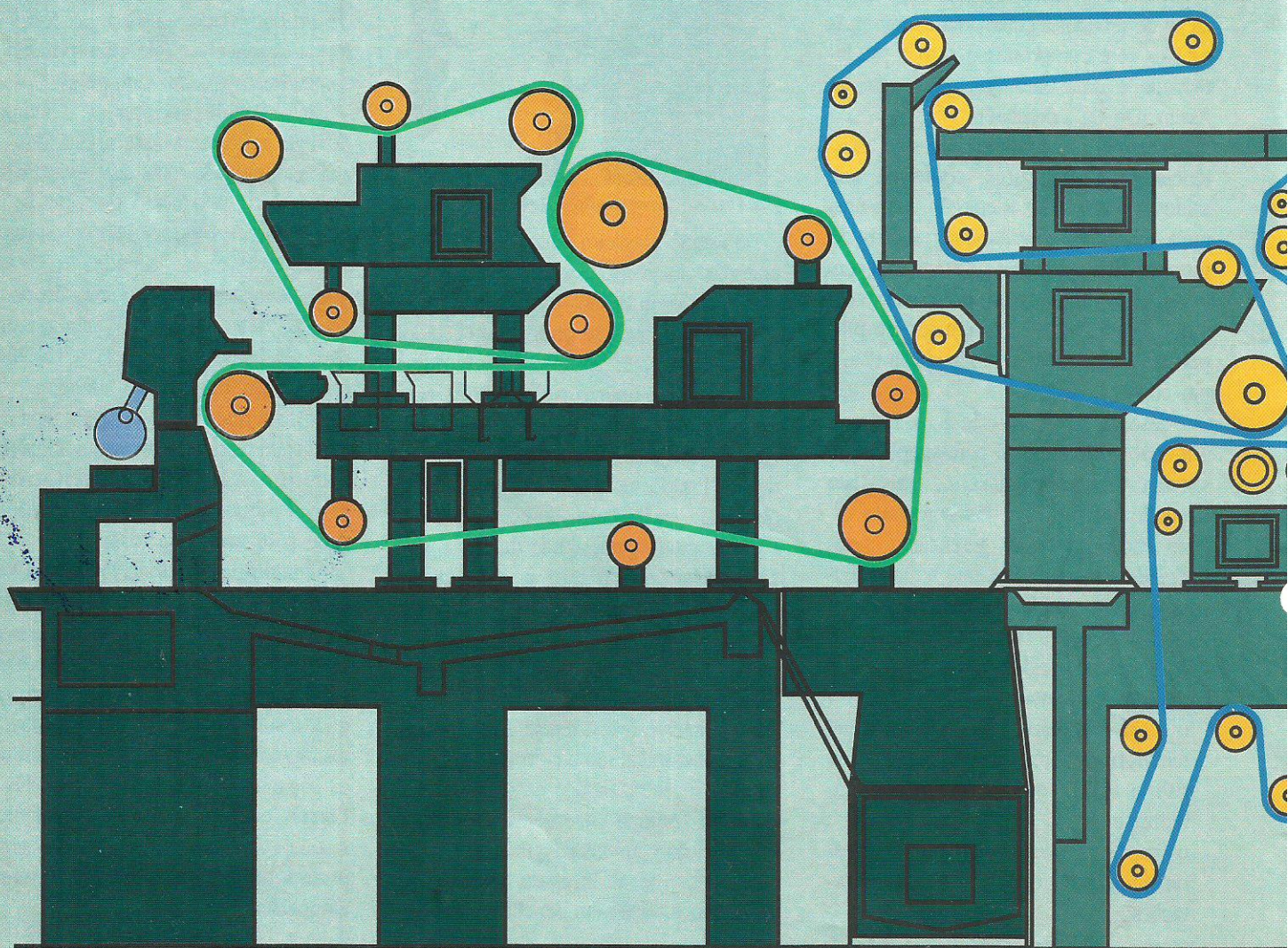
A inserção do Brasil no mercado mundial, evidentemente, também é prejudicada pela elephantíase tributária. “A indústria brasileira enfrenta grandes desafios no exterior. Em nada ajuda ter um sistema tributário dos mais onerosos”, assinala o diretor do escritório de Miami de Noronha — Advogados, Ltd., Robert May. Para ele, o País precisa é de incentivos ao aumento de produtividade, desde que feitos “de forma razoável e que não possam ser caracterizados como dumping”.

Um obstáculo, exemplifica, é o imposto de 13% sobre semi-industrializados, que acaba incidindo até nas exportações. “Além disto, o excesso de tributos acarreta problemas burocráticos e custos administrativos muito elevados.”

Os investimentos no Brasil, por sua vez, são dificultados pela falta de unicidade da Justiça, que deixa perplexos os homens de negócios estrangeiros: “Um imposto é questionado judicialmente, um juiz aceita a tese da inconstitucionalidade, outro não. A falta de uma orientação única nos tribunais tira a base de racionalidade para investimentos”.

Além disto, as restrições constitucionais ao capital estrangeiro são maiores do que em outros países em desenvolvimento. “E tanto as nações que estão deslançando, como as já desenvolvidas, não têm qualquer restrição cambial”, acentua May. Um exemplo é a obrigatoriedade de se efetuar os pagamentos de importações via Banco Central, e que dificulta o recebimento de insumos, levando empresas de grande porte a preferir operar em países sem tais empecilhos.

TELAS FORMADORAS: A TECNOLOGIA MUNDIAL DA ALBANY ESTÁ AQUI.



A MELHOR NO MUNDO AGORA TAMBÉM NO BRASIL.

Nenhum outro fornecedor de vestimentas no mundo proporciona a você a consistência, qualidade e experiência da Albany. Para assegurar a confiabilidade de nossas telas formadoras nas máquinas brasileiras, iniciamos produzindo-as para nossas unidades no exterior e, após confirmação do nosso grau de qualidade, as estamos lançando no mercado nacional. A garantia

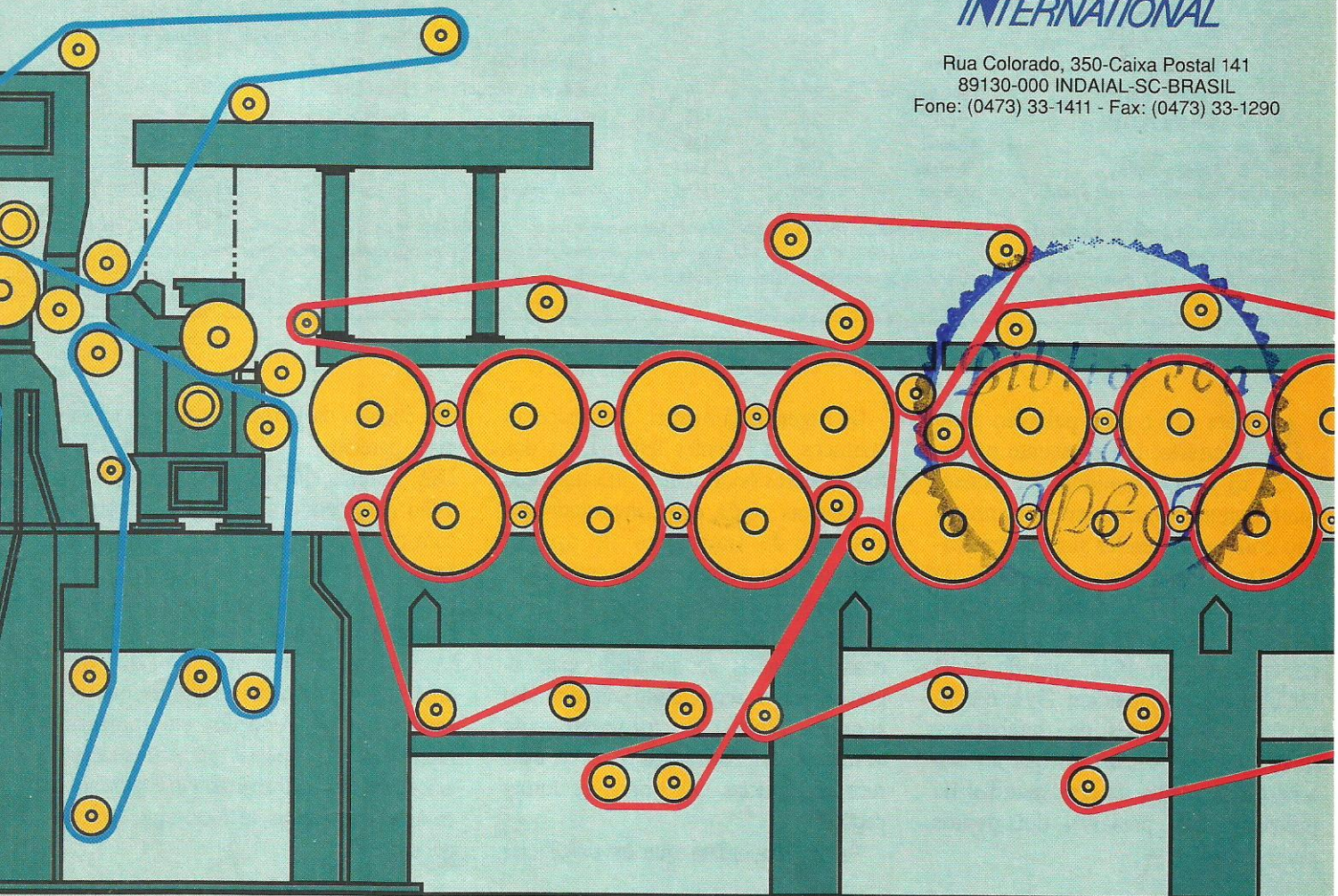


de uniformidade e qualidade é apenas parte do que significa ser líder mundial no mercado de vestimentas.

Para você ser o melhor, temos que lhe fornecer o melhor. Com orgulho estamos trazendo nossa experiência mundial na aplicação, manufatura e serviços para a área de formação, tornando-nos assim fornecedores para todas as posições de uma fábrica de celulose e papel.

ALBANY
INTERNATIONAL

Rua Colorado, 350-Caixa Postal 141
89130-000 INDAIAL-SC-BRASIL
Fone: (0473) 33-1411 - Fax: (0473) 33-1290



Fornecedores de sistemas de destintamento estão trabalhando para atender a demanda de papel de alta qualidade produzido com aparas de baixa qualidade. Amanda Marcus reúne aqui os mais recentes desenvolvimentos e lista novos pedidos a nível mundial.

A ESTRÉIA DO DESTINTAMENTO NEUTRO

ALGUMAS INSTALAÇÕES DE DESTINTAMENTO RECENTES E PLANEJADAS¹

| PAÍS | COMPANHIA | LOCAL DA FÁBRICA | DATA DO INÍCIO | CAPACIDADE (1000 t/ano) | APARAS DE PAPEL | GRAU | FORNECEDOR DE USO FINAL |
|-----------|-----------------------------|------------------|----------------|-------------------------|--------------------------|------------------------|-------------------------|
| Austrália | AustralianNewsprint Mills | Lavington, NSW | 1993 | 122,5* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith |
| Austria | Leykam-Mutzaler | Gratkorn | 1993 | 40* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith ² |
| Argentina | Celulosa Campana | Zarate | 1994 | 45,5 | Aparas variadas | Papel de seda | Sulzer Papertec |
| Argentina | Papel Prensa | Buenos Aires | 1993 | 21 | Aparas | Papel de Imprensa | Lamort |
| Canadá | Alberta Newsprint | Whitecourt | 1993 | 21* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith ³ |
| Canadá | Quno (Quebec & Ontario Pap) | Thorold | 1993 | 70* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith ³ |
| Canadá | Spruce Falls Power & Paper | Kapuskasing | 1993 | 87,5* | Jornais velhos/panfletos | Papel de Imprensa | Voith ³ |
| China | Guangzhou Paper | Guangzhou | 1993 | 32 | Livros (contabilidade) | Papel fino | Black Clawson |
| China | Hanzhong Pulp & Paper | | 1994 | 9 | Aparas | Base de papelão branco | Lamort/Aikawa |
| China | Xuecheng Huazhong Paper | | 1993 | 9 | Aparas | Base de papelão branco | Lamort/Aikawa |
| China | Yan in Paper | Nanping | 1994 | 35* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Beloit |
| França | Chapelle Darblay | Pont Audemer | 1993 | 6 | Livros(contabilidade) | Papel fino | Black Clawson |
| Alemanha | Dresden Papier | Freital | 1994 | 42 | Jornais/Revistas | Papéis gráficos | Sulzer Papertec |
| Alemanha | Palm | Eltmann | 1994 | 168 | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Sulzer Papertec |
| Alemanha | Sachsen Papier | Eilenburg | 1994 | 350 | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Sulzer Papertec |
| Alemanha | Schwedt Pap. und Karton | Schwedt | 1994 | 143,5 | Jornais/Revistas | Papéis Gráficos | Sulzer Papertec |

1: Esta lista não tenciona ser completa. Pedidos de compra emitidos após a última pesquisa de destintamento feita pela PPI, em outubro de 1992. - 2: Construída pela Voith St. Pölten, Áustria, uma empresa licenciada pela Voith. - 3: Construída pela Voith Appleton, USA, uma empresa licenciada pela Voith. - 4: A Andritz atuava como empresa licenciada pela Sulzer Papertec, da Alemanha. * = calculada na capacidade/dia, baseando-se num ano de 350 dias produtivos/ano.

Continua na página 21

A para não é mais palavra. Pelo contrário, um crescente número de consumidores, e conseqüentemente, fabricantes, parecem não conseguir atender suas necessidades. De acordo com a estatística da PPI (veja tabela), o mundo recuperou quase 92 milhões de toneladas de papéis velhos em 1992, subindo de 87 milhões de toneladas em 1991, e consumiu 95,5 milhões de toneladas - quatro milhões a mais do que no ano anterior. A média da taxa mundial de utilização subiu para 39%, dois pontos percentuais.

Da Argentina à Áustria, do México ao Marrocos, as recentes informações dos fornecedores (vide acima), mostram que as fábricas ainda estão investindo em sistemas de tratamento de aparas, mesmo neste período de severos cortes de investimentos na indústria. O aumento da legislação do meio ambiente e as exigências de qualidade mais rigorosa estão requerendo rápidos desenvolvimentos de processos de destintamento. Este artigo reúne as mais recentes notícias dos principais fornecedores.

Todos concordam que as exigências

dos clientes da Europa e dos USA estão mais parecidas. A Black Clawson, dos USA, informa que os clientes nos USA estão começando a olhar para a forma com que os europeus abordam os projetos. Buscam mais confiabilidade por parte dos fornecedores no desempenho dos sistemas. Citando a Black Clawson: "A medida em que mais projetos são analisados, torna-se evidente que a capacidade do vendedor em fornecer financiamento especial ou participação acionária está se tornando tão importante quanto questões técnicas que temos de enfrentar".

Continuação da página 20

ALGUMAS INSTALAÇÕES DE DESTINTAMENTO RECENTES E PLANEJADAS¹

| PAÍS | COMPANHIA | LOCAL DA FÁBRICA | DATA DO INÍCIO | CAPACIDADE (1000 t/ano) | APARAS DE PAPEL | GRAU | FORNECEDOR DE USO FINAL |
|------------|-------------------------|------------------|----------------|-------------------------|--------------------------|---------------------|-------------------------|
| Itália | Continental Paper | Varazze | 1993 | 42 | Aparas brancas | Papéis gráficos | Sulzer Papertec |
| Malásia | Não revelado | | 1993 | 10 | Jornais | Papel de Imprensa | Black Clawson |
| México | Fatapux-Tuxtepec | México | 1993 | 70 | Aparas/Revistas | Papel de Imprensa | Lamort/Licar |
| México | Lereto Y Pena Pobre | Morellos | 1994 | 28 | Rev./escrit./revestido | Papel de seda | Lamort/Licar |
| Marrocos | S.I.P.A.T | Meknes | 1993 | 12 | Aparas | Papel Toilet | Lamort |
| Eslováquia | Chemizelulosa | Zilina | 1994 | 52,5 | Jornais/Revistas | Papel de seda | Andritz4/Sulzer |
| Suécia | Holmen Paper | Hallstavik | 1993 | 119* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith |
| Suíça | Zwingen | Zwingen | 1993 | 42 | Jornais/Revistas | Pr/wr/xerox | Lamort |
| R. Unido | St.Regis (Hollins) | Darwen | 1993 | 34 | Aparas/sobras | Papelão para caixa | Lamort |
| USA | Alabama River Newsprint | Claiborne, AL | 1993 | 52 | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Black Clawson |
| USA | Bear Island Paper | Ashland, VA | 1993 | 77* | Jornais/Revistas | Papel de Imprensa | Voith3 |
| USA | Burrows Paper | Little Falls, NY | 1993 | 52,5 | Aparas de esc.sortidas | Papéis especiais | Sulzer Papertec |
| USA | Fox River Fiber | DePere, WI | 1993 | 70 | Aparas de esc.misturadas | Celulose de mercado | Sulzer Papertec |
| USA | Superior Recycled Fiber | Duluth, MN | 1993 | 140* | Escrit./sobras/madeira | Reciclado s/madeira | Voith3 |
| USA | Voith (pilot plant) | Appleton, WI | 1993 | 14* | Variável | Variável | Voith3 |
| USA | Confidencial | - | 1993 | 87.5-105* | Sobras de escritório | Papel de seda | Beloit |
| USA | Não revelado | - | 1993 | 35 | Aparas de esc.misturadas | Papel de seda | Sulzer Papertec |
| USA | Não revelado | - | 1993 | 25,2 | Aparas de esc.misturadas | Papel de seda | Sulzer Papertec |
| USA | Não revelado | - | 1994 | 140 | Aparas de escritório | Celulose de mercado | Lamort/Fiberprep |

1: Esta lista não tenciona ser completa. Pedidos de compra emitidos após a última pesquisa de destintamento feita pela PPI, em outubro de 1992. - 2: Construída pela Voith St. Pölten, Áustria, uma empresa licenciada pela Voith. - 3: Construída pela Voith Appleton, USA, uma empresa licenciada pela Voith. - 4: A Andritz atuava como empresa licenciada pela Sulzer Papertec, da Alemanha. * = calculada na capacidade/dia, baseando-se num ano de 350 dias produtivos/ano.

Os parâmetros de avaliação dos clientes são basicamente os mesmos - todos buscam custo desempenho, mais alvura, redução de lixo, controle de cinzas, e maior lucratividade de seus sistemas: tarefa nada simples para os fornecedores.

Clientes querem mais por menos

Um dos maiores desafios aos fornecedores de sistemas de tratamento de papéis velhos é que as fábricas estão usando papéis de qualidade inferior e difícil destintamento, enquanto exigem qualidade sempre mais elevada. Como resultado, informa a Black Clawson, a pesquisa nos USA está amplamente direcionada à eliminação dos resíduos de difícil remoção, normalmente encontrados nos papéis de qualidade inferior: fibras não branqueadas, tintas para impressão a laser, revestimento de ultravioleta e alguns papéis tingidos. O fornecedor informa que é apenas uma questão de tempo até que as mesmas preocupações sejam transferidas

para os projetistas de sistemas nos mercados da Europa e Ásia.

As fábricas ficam em ponto morto

O destintamento neutro está sendo saudado pela Lamort, França, como a mais recente inovação tecnológica no tratamento de aparas. Declara que os benefícios estão além das expectativas iniciais. Tal solução é atraente por requerer menos química. Assim, utiliza menos oxigênio e economiza no custo dos químicos. Fornecedores da indústria reconhecem que a capacidade de controle, drenagem, resistência da celulose, branqueamento e a depuração são melhores do que nos processos convencionais de destintamento.

O grupo Stephenson, do Reino Unido, fornecedor de agentes químicos para destintamento, concorda que a procura por soluções neutras e circuitos fechados de água está crescendo. Os clientes desejam destintar tipos cada vez mais inferiores de papéis velhos. Isto gera proble-

mas na qualidade do produto (tanto no brilho quanto na viscosidade) e os fornecedores terão que solucioná-los.

Em resposta, valores significativos estão sendo investidos na atualização de sistemas de lavagem como parte de um "sistema completo de remoção de tinta", o qual deverá ser uma combinação de lavagem/destintamento por flotação. Embora o custo seja um fator de limitação, continuam os trabalhos neste conceito.

O primeiro sistema de destintamento de lixo doméstico para papéis gráficos já está em operação em Zwingen, Suíça. Ativado em julho último, é o resultado da "joint-venture" entre a Lamort, da França, e o Dr. W. Kolb. Conforme explicado pela Lamort, uma vez que o processo não usa hidróxido de sódio, é primordial que exista eficiente fricção de fibra-a-fibra para remoção da tinta no estágio de celulose, mesmo existindo o recurso de pós flotação. Para tanto, a Lamort recomenda o uso de seu desagregador Helico.

RECUPERAÇÃO DE APARAS DE PAPEL, CONSUMO E COMÉRCIO, 1991-1992, PARA PAÍSES SELECIONADOS

| | RECUPERAÇÃO | | (1.000 tons) | | | | TAXA DE UTILIZAÇÃO (%) ² | | TAXA DE UTILIZAÇÃO (%) | | | |
|-------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|-------------------------------------|---------------|------------------------|-----------|-----------|-----------|
| | 1991 | 1992 | CONSUMO | | INPORTADOS | | EXPORTADOS | | 1991 | 1992 | | |
| | | | 1991 | 1992 | 1991 | 1992 | 1991 | 1992 | 1991 | 1992 | | |
| Bélgica | 715 | 746 | 286 | 289 | 114 | 146 | 542 | 603 | 25 | 25 | 33 | 33 |
| Dinamarca | 431 | 408 | 307 | 315 | 57 | 93 | 181 | 186 | 86 | 97 | 39 | 38 |
| França | 3.005 | 3.117 | 3.367 | 3.527 | 963 | 996 | 601 | 586 | 46 | 46 | 34 | 34 |
| Alemanha | 7.500 | 7.912 | 6.420 | 6.742 | 743 | 712 | 1.822 | 1.885 | 50 | 52 | 47 | 51 |
| Grécia | 112 | 170 | 116 | 169 | 14 | 9 | 10 | 10 | 36 | 55 | 17 | 27 |
| Itália | 2.040 | 2.148 | 2.729 | 2.870 | 692 | 727 | 3 | 5 | 47 | 48 | 29 | 28 |
| Holanda | 1.746 | 1.728 | 1.896 | 1.998 | 1.042 | 1.255 | 892 | 985 | 66 | 70 | 53 | 55 |
| Portugal | 312 | 335 | 335 | 362 | 31 | 35 | 8 | 8 | 39 | 38 | 40 | 39 |
| Espanha | 1.734 | 1.777 | 2.221 | 2.274 | 506 | 523 | 19 | 26 | 65 | 66 | 38 | 36 |
| Reino Unido | 3.090 | 3.246 | 2.954 | 3.086 | 203 | 158 | 339 | 318 | 60 | 60 | 34 | 34 |
| Comun. Européia | 20.685 | 21.587 | 20.631 | 21.632 | 4.365 | 4.654 | 4.417 | 4.612 | 52 | 53 | 38 | 39 |
| Finlândia | 446 | 440 | 443 | 532 | 62 | 126 | 65 | 34 | 5 | 6 | 35 | 35 |
| Noruega | 210 | 241 | 175 | 180 | 46 | 46 | 81 | 107 | 10 | 11 | 33 | 35 |
| Suécia | 876 | 865 | 1.038 | 1.198 | 307 | 472 | 144 | 138 | 12 | 14 | 46 | 50 |
| Países Nórdicos | 1.532 | 1.546 | 1.656 | 1.910 | 415 | 644 | 290 | 279 | 9 | 10 | 40 | 42 |
| Áustria | 727 | 760 | 1.184 | 1.272 | 551 | 602 | 90 | 94 | 38 | 39 | 53 | 56 |
| Suíça | 732 | 745 | 582 | 660 | 131 | 152 | 281 | 237 | 46 | 51 | 51 | 53 |
| Europa Ocidental | 1.459 | 1.505 | 1.766 | 1.932 | 682 | 754 | 371 | 331 | 41 | 42 | 51 | 54 |
| Bulgária | 102 | 88 | 121 | 93 | 28 | 12 | 9 | 7 | 50 | 55 | 38 | 42 |
| CIS | 1.300e | 1.010e | 1.300e | 1.000e | 0e | 0e | 0e | 10e | 16e | 17e | 16e | 17e |
| Croácia | 91 | 76 | 96 | 102 | 33 | 48 | 28 | 22 | 64 | 67 | 77 | 35 |
| Tchecoslov. | 208 | 183 | 180 | 170 | 0e | 0e | 28 | 13 | 27 | 23 | 31 | 25 |
| Hungria | 180 | 248 | 222 | 325 | 44 | 77 | 2 | 0 | 62 | 94 | 44 | 63 |
| Polónia | 348 | 400 | 360 | 450 | 12 | 50 | 0 | 0 | 34 | 41 | 39 | 42 |
| Romênia | 109 | 81 | 105 | 84 | 0 | 2 | 1 | 0 | 29 | 27 | 33 | 27 |
| Eslovênia | 78 | 70 | 171 | 153 | 103 | 83 | 10 | 0 | 40 | 39 | 33 | 33 |
| Leste Europeu | 2.416 | 2.156 | 2.555 | 2.377 | 220 | 272 | 78 | 52 | 21 | 24 | 20 | 22 |
| TOTAL DA EUROPA | 26.092 | 26.794 | 26.608 | 27.851 | 5.682 | 6.324 | 5.156 | 5.274 | 35 | 37 | 36 | 38 |
| Canadá | 1.628 | 1.880 | 2.241 | 2.900 | 607 | 1.018 | 259 | 231 | 14 | 17 | 29 | 35 |
| EUA | 28.317 | 30.479 | 22.443 | 24.766 | 111 | 136 | 5.985 | 5.849 | 31 | 33 | 37 | 39 |
| AMÉRICA DO NORTE | 29.945 | 32.359 | 24.684 | 27.666 | 718 | 1.154 | 6.244 | 6.080 | 28 | 30 | 36 | 38 |
| China | 4.186e | 4.677 | 4.802 | 5.457 | 619 | 790 | 3 | 10 | 32e | 32 | 26e | 24 |
| Hong Kong | 490e | 495e | 110e | 115e | 0 | 0 | 380e | 380e | 96e | 96 | 48e | 46 |
| Índia | 355 | 375 | 749 | 750 | 394 | 375 | 0 | 0 | 31 | 30 | 14 | 14 |
| Indonésia | 305 | 310 | 854 | 1.193 | 549 | 883 | 0 | 0 | 49 | 53 | 21 | 17 |
| Irã | 70 | 65 | 70 | 75 | 0 | 10 | 0 | 0 | 30 | 30 | 11 | 8 |
| Iraque | 3e | 3e | 3e | 3e | 0 | 0 | 0 | 0 | 23e | 30e | 23e | 30e |
| Israel | 113 | 120 | 138 | 151 | 25 | 31 | 0 | 0 | 70 | 80 | 22 | 22 |
| Japão | 14.667 | 14.466 | 15.301 | 14.924 | 851 | 444 | 3 | 36 | 53 | 53 | 50 | 51 |
| Coréia do Sul | 2.095 | 2.325 | 3.485 | 3.829 | 1.390 | 1.504 | 0 | 0 | 71 | 70 | 43 | 43 |
| Malásia | 160 | 160e | 165 | 182e | 20 | 22 | 15 | 0 | 56 | 45 | 15 | 14e |
| Paquistão | 101 | 94 | 117 | 108 | 16 | 14 | 0 | 0 | 85 | 67 | 33 | 23 |
| Filipinas | 200e | 250e | 450e | 550e | 190e | 300e | 0 | 0 | 95e | 100 | 37e | 45e |
| China | 1.851 | 2.301 | 3.764 | 3.906 | 1.906 | 1.605 | 0 | 0 | 100 | 98 | 50 | 55 |
| Tailândia | 465 | 550 | 758 | 1.000 | 293 | 450 | 0 | 0 | 75 | 80 | 34 | 35 |
| Turquia | 351 | 341 | 382 | 428 | 31 | 87 | 0 | 0 | 45 | 45 | 31 | 28 |
| Ásia | 25.412 | 26.532 | 31.148 | 32.671 | 6.284 | 6.515 | 401 | 426 | 52 | 51 | 39 | 38 |
| Austrália | 950 | 1.015 | 910 | 948 | 0 | 0 | 20 | 43 | 45 | 46 | 36 | 37 |
| Nova Zelândia | 127 | 152 | 97 | 114 | 3 | 0 | 30 | 38 | 11 | 16 | 21 | 28 |
| Oceânia | 1.077 | 1.167 | 1.007 | 1.062 | 3 | 0 | 50 | 81 | 35 | 38 | 33 | 35 |
| Argentina | 320 | 312 | 355 | 355 | 35 | 43 | 0 | 0 | 37 | 35 | 29 | 22 |
| Brasil | 1.440 | 1.471 | 1.487 | 1.499 | 51 | 34 | 10 | 6 | 30 | 30 | 34 | 37 |
| Chile | 213 | 220e | 213 | 220 | 0 | 0 | 0 | 0 | 44 | 43 | 44 | 41 |
| Colômbia | 289 | 321 | 328 | 365 | 39 | 43 | 0 | 0 | 58 | 58 | 44 | 38e |
| México | 1.237 | 1.240 | 2.177 | 2.288 | 940 | 1.048 | 0 | 0 | 75 | 81 | 38 | 35 |
| Peru | 25e | 25e | 31e | 31e | 6e | 6e | 0 | 0 | 26e | 27e | 18e | 18e |
| Venezuela | 274 | 264 | 472 | 456 | 198 | 192 | 0 | 0 | 73 | 69 | 34 | 33 |
| América Latina | 3.798 | 3.853 | 5.063 | 5.214 | 1.269 | 1.366 | 10 | 6 | 46 | 47 | 31 | 30 |
| Argélia | 35 | 37 | 35 | 37 | 0 | 0 | 0 | 0 | 38 | 47 | 20 | 25 |
| Egito | 190e | 193e | 192e | 196e | 2e | 3e | 0e | 0e | 85 | 82 | 30e | 30e |
| Quênia | 26 | 40 | 26 | 40 | 0 | 0 | 0 | 0 | 28 | 38 | 26 | 33 |
| Marrocos | 55 | 55 | 75 | 73 | 20 | 16 | 0 | 0 | 65 | 65 | 22 | 22 |
| Nigéria | 25 | 25 | 25 | 25 | 0 | 0 | 0 | 0 | 42 | 45 | 8 | 8 |
| África do Sul | 525e | 598e | 600e | 600e | 0e | 5e | 0e | 0e | 33e | 33e | 34 | 38 |
| Zimbábue | 25 | 25 | 32 | 32 | 7 | 7 | 0 | 0 | 37 | 37 | 26 | 26 |
| África | 881 | 973 | 985 | 1.003 | 29 | 31 | 0 | 0 | 37 | 38 | 25 | 29 |
| TOTAL MUNDIAL | 87.205 | 91.678 | 89.495 | 95.467 | 13.985 | 15.390 | 11.861 | 11.867 | 37 | 39 | 36 | 37 |

1. Os países aqui selecionados representam 95% da produção e do consumo mundial de Papel & Caixas. As taxas de utilização e recuperação apresentadas são baseadas na capacidade mundial de fabricação e consumo, e não apenas dos países aqui referidos. 2. Consumo de papéis velhos como uma percentagem da produção total de P&C. 3. A recuperação de papéis velhos como uma proporção do consumo total de Papel & Caixas. 4. A compensação do equilíbrio entre a importação e a exportação é claramente grande demais para ser explicada pelos estoques. Acreditamos que a classificação de aparas difere em cada país, e, em consequência, em seus registros de papéis cruzando fronteiras internacionais.

Aparas flutuando no ar

A flotação neutra é extremamente diferente do destintamento convencional, onde as partículas de tinta agarram-se diretamente às bolhas de ar. Também, a estrutura de espuma da célula é completamente diferente. Por consequência, aumenta a procura por células de flotação que além suportar um número maior de bolhas de menor tamanho, possam separar a espuma da fibra. A solução da Lamort é o Verticel, que trabalha como conceito de injeção e com padrão de fluxo controlado. O Verticel possui um sistema de remoção de espuma totalmente adequado ao destintamento neutro.

A Voith, da Alemanha, também está trabalhando na flotação. Recentemente lançou um laboratório de flotação de

célula tipo E, - uma versão reduzida do modelo industrial e, já vendeu 5 unidades. A máquina é formada por um tanque de mistura seguido de dois estágios. No estágio secundário são recuperadas fibras úteis que transbordam do primeiro estágio. Cada estágio é composto por células tubulares dispostas em série, cuja quantidade e tamanho dependem do comportamento das tintas e do volume de produção.

As principais vantagens estão no máximo de brilho com baixo consumo de energia e pureza acima da média, devido a ventilação múltipla, forçada e consistente para cada célula. A flotação é acelerada devido ao aumento no fluxo de ar, o que requer menos células, explica o fabricante.

A Black Clawson está trabalhando com a HM, sua licenciada no Japão, no

novo flotor HM-BC. O ponto-chave desta unidade é sua capacidade de misturar grandes volumes de ar uniformemente na massa, de forma a obter o máximo de brilho e remoção de partículas. Bolhas de ar, criadas por turbinas duplas em cada compartimento, são distribuídas uniformemente por toda a gama de tamanhos necessário para máximo aproveitamento e eficiente remoção de partículas de 5-500 microns. A Black Clawson alega que o seu Flotador pode melhorar o brilho em 14 pontos com apenas uma passagem e têm demonstrado capacidade superior na remoção de partículas. Isto é possível mesmo com papéis impressos a laser ou com revestimento de UV, os quais são extremamente difíceis de destintar. O fabricante tenciona vender seu Flotador em ambos os lados do oceano Atlântico.

A Especialista em Titânio

**TITÂNIO
IBRASIL**

**TITANIUM
INDUSTRIES**

Desde 1975, 18 anos, parceiros, no Brasil

Parabéns **CENIBRA!** E, muito obrigado!

Estamos mais uma vez presentes, fornecendo 70.000 Kgs de titânio para fabricação de equipamentos de branqueamento de celulose, qualidade exportação. Com este fornecimento, mais de 1.000.000 Kgs. de titânio (materiais, peças e equipamentos) já se encontram no mercado brasileiro, com durabilidade quase...eterna!...A Tibrasil Titânio Ltda., se orgulha de estar presente nos 20 anos de atividades da Cenibra e em seu Projeto de Expansão, sempre com produtos originais de:

Titânio: metal de construção "long life"

CBTI: EXPORTAÇÕES ATESTAM PADRÃO INTERNACIONAL DE QUALIDADE.

A principal fornecedora brasileira de acessórios para máquinas de papel compensou no mercado externo a retração do interno

Uma empresa que nesta década está se voltando cada vez mais para o mercado externo é a Companhia Brasileira de Tecnologia Industrial. Não se trata de opção estratégica, mas de uma decorrência da recessão instalada no País. Assim, se até 1991 exportava, no máximo, 3% de sua produção, deverá fechar 1993 com 70% de vendas para o exterior. Isto lhe permite aumentar o faturamento, mesmo num período de vacas magras para as empresas nacionais: foi de US\$ 8,5 milhões em 1992 e, deverá ficar em torno de US\$ 9 milhões em 1993, ano em que seus principais mercados estão sendo, pela ordem, Chile, Austrália, Brasil e Argentina.

Para o diretor-presidente, Pedro Luiz Ferreira Martins Correa, esta nova realidade, de um lado, é entristecedora, pois denuncia a paralisia que vai tomando conta da economia nacional. Tentando manter o otimismo, ele diz: "O problema do Brasil é meramente político. Temos um sistema em que tudo é do Estado e nada da sociedade. Então, esse imenso entulho estimula a corrupção, a ineficiência e os monopólios. Espero que consigamos rapidamente passar o Brasil a limpo e os cenários econômicos se tornem mais favoráveis".

Correa não disfarça, entretanto, seu orgulho com a facilidade encontrada pela CBTI para compensar no exterior as perdas sofridas no mercado interno (acaba por exemplo, de entregar dois secadores de celulose para grandes empreendimentos no Chile e Austrália). Isto se deve, explica ele, às próprias origens da CBTI: "Já começamos com um bom grau de internacionalização. Todos os formadores da empresa vieram de companhias estran-

geiras — principalmente a Midland Ross. Além disto, o setor de papel e celulose do Brasil há muito tempo segue os padrões do exterior, então, como fornecedores, sempre mantivemos um patamar de qualidade compatível com a alta tecnologia do 1º mundo".

É esta competência que está impulsionando a obtenção de encomendas de outros países; a própria Voith, por exemplo, adquiriu da CBTI os acessórios (filtros, chuveiros e raspadores) de uma máquina de papel que acaba de exportar. Além disto, por seguir os padrões internacionais de qualidade, a CBPI não está encontrando qualquer dificuldade ao cumprir as etapas para a certificação ISO-9000 (a mais abrangente), que deverá obter já em 1994.

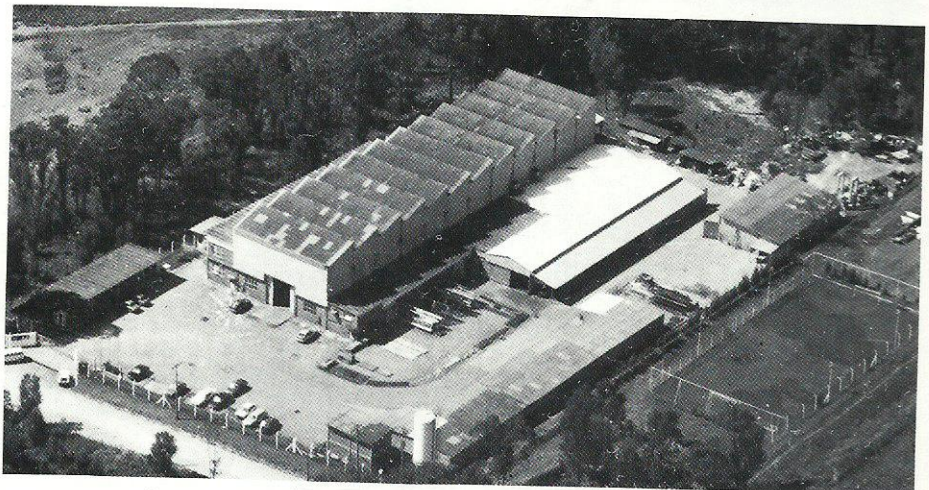
Acessórios

A CBTI é uma companhia que, por meio de aquisições empresariais e de contratos de transferência de tecnologia, fabrica e comercializa equipamentos e

sistemas industriais sob encomenda nas áreas de secagem industrial e tratamento de ar. Produz também uma linha de componentes para máquinas de papel e celulose, além de prestar serviços de apoio de engenharia para a otimização de seus produtos. "Em média, 80 a 85 por cento de nossa produção é fornecida ao setor de celulose e papel, mas há períodos em que esse percentual sobe para 100", revela Correa.

É a principal fornecedora brasileira nas linhas em que atua, de acessórios para máquinas de papel: capotas, secadores, raspadores, chuveiros, drenagem e filtros. "Nossa linha mais tradicional é a de capotas de secagem, depois fomos agregando outras", lembra Correa. "Atuamos nos projetos novos e em melhorias de máquinas já instaladas."

A CBTI foi fundada em Campinas, em maio de 1982, com a proposta de unir o know-how internacional de empresas norte-americanas à realidade do mercado nacional. Seus acionistas são brasileiros e é dirigida por administradores e enge-



A empresa está instalada numa área de 20 mil m² na região de Campinas.

Incorporações

A história da CBTI registra a aquisição de empresas norte-americanas que atuavam no País (a Lodding do Brasil, em 1983; a própria Midland Ross, em 1986; e a AES - Albany Engenharia de Serviços, em 1993), bem como da Blades Industrial, de capital nacional. E possui uma grande linha de produtos através de contratos de transferência de tecnologia de grupos industriais dos EUA: a Thermo Electron Co., a Somerset Technologies Inc. e a EZE Products.

A Thermo Electron, que agrega as empresas AER, Overly, Lodding, Vickerys e AES, tem produtos adaptados ao mercado brasileiro pela CBTI, tais como:

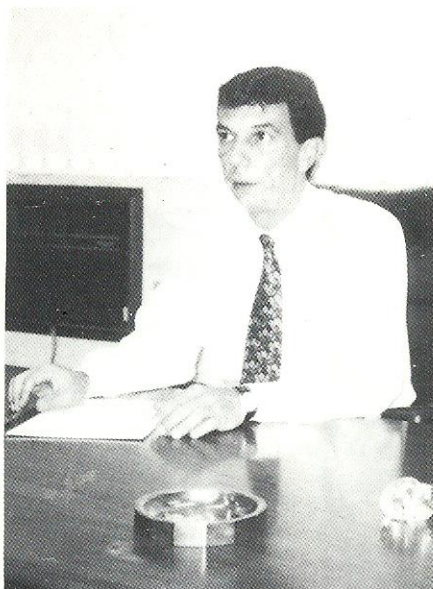
- capotas: aberta, fechada, Yankee e MG
- sistemas de filtragem automáticos e/ou manuais, para líquidos;
- raspadores completos;
- sistemas de chuveiros para limpeza e condicionamento de vestimentas e partes da máquina;
- sistema de captação de pó;
- corretores de perfil (umidade, calibre);
- equipamentos para melhoria de acabamento (brilho, suavidade, lisura);
- bicos (tipos agulha e angular - auto-limpantes)
- osciladores;
- sistema de recirculação;

- aplicador de líquidos ao papel;
- filtros;
- filtros strainers;
- elementos desaguadores;
- réguas de vedação;
- placas de desgaste;
- porta-lâminas;
- lâminas;
- sistema de vácuo; e
- válvulas controladoras.

A Somerset, através de suas divisões Kathabar e Ross Waldron; fornece o know-how para a fabricação de:

- sistemas de desumidificação;
- sistemas de ar condicionado, ventilação, climatização, e filtragem do ar;
- sistemas de aquecimento de ar;
- sistemas de secagem;
- incineradores de gases e solventes com recuperação de energia (95%);
- trocadores de calor ar/ar;
- sistemas de filtragem para turbinas e geradores, on-shore e off-shore; e
- outros sistemas/equipamentos referentes ao tratamento de ar.

A Elze Products fornece uma linha completa de produtos químicos e aplicadores, voltados à indústria do papel e celulose, alimentícias, aeronáutica e outras, para limpeza de partes e peças de máquinas, vestimentas de máquinas, processos, aeronaves etc.

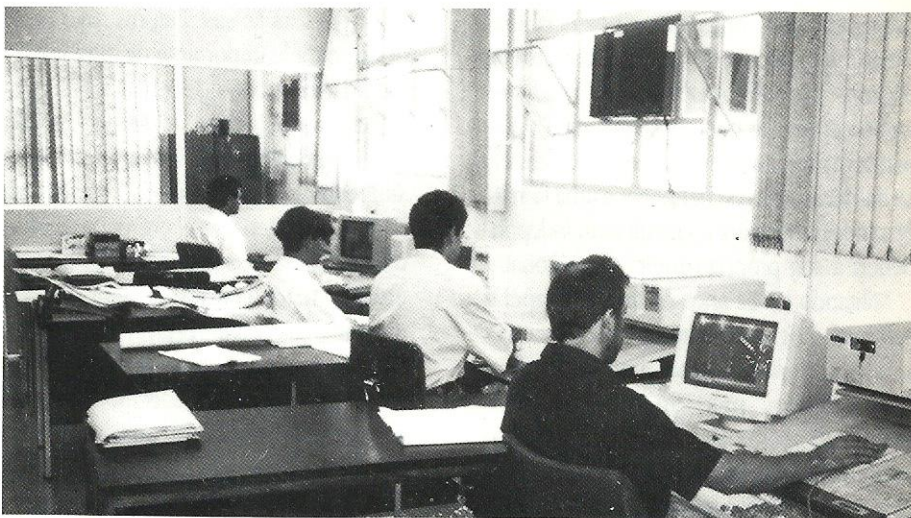


Pedro Luiz é o "veterano" da equipe.

nheiros que, embora jovens, possuem ampla vivência neste ramo industrial, além do arranjo e dinamismo inerentes à idade. Correa, com 41 anos, é o veterano da turma; era gerente da Midland Ross e líder do grupo quando, aos 29 anos, partiu para a fundação da CBTI. Seus companheiros de diretoria estão todos na faixa de 35 a 40 anos.

Está instalada numa área de 20 mil metros quadrados (5 mil m² construídos), à margem da Via Anhanguera, contando com um quadro de 100 funcionários. O desenvolvimento dos colaboradores é feito dentro da própria CBTI, com a contribuição das empresas licenciadoras, que vêm dar cursos de atualização. E a maioria do pessoal administrativo, de vendas e engenharia recebe treinamento no exterior.

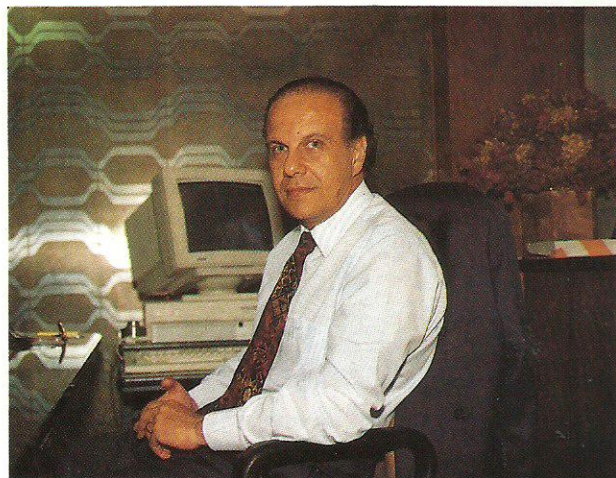
Apesar das dificuldades que o momento político e econômico brasileiro coloca para o planejamento estratégico, Correa anuncia uma meta para 1994: o pleno desenvolvimento (em capacidade de produção a atendimento ao mercado) de uma nova linha, já lançada, de produtos químicos para papel e celulose marca EZE. "E estamos introduzindo um processo de assistência de qualidade ao cliente, com atendimento mais rápido e direto."



O desenvolvimento dos colaboradores é feito na própria CBTI

OSMAR ZOGBI: INDEPENDENTE POR VOCAÇÃO, OTIMISTA POR PRINCÍPIO.

Primero vice-presidente da ANFPC, ele lutou muito para construir seu futuro e acredita que sempre encontrará algo melhor à frente.



Texto: Marco Antonio Eid.
Fotos: Keila Marta Marques.

“A solução dos problemas brasileiros passa, necessariamente, pelo engajamento de toda a sociedade num processo de redenção nacional, com enfoque no social e na descentralização de renda.” Esta frase define bem o perfil de *Osmar Elias Zogbi*, primeiro vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC) e diretor-superintendente da Ripasa, um cidadão que se confessa “absolutamente perplexo” com o nível de corrupção a que se chegou no País e “realmente assustado” com a gravidade dos problemas sociais.

Apesar de tudo, Zogbi é um otimista por princípio e tem confiança no potencial brasileiro. “Acho que serão necessários cerca de 30 anos para se consertar esse País, mas tenho certeza de que conseguiremos”, afirma, com a autoridade de quem soube abster-se das facilidades de pertencer a uma família de empresários para construir com independência a sua própria carreira profissional.

Militando há 22 anos na área de papel e celulose, Zogbi exercita agora toda a sua experiência para vencer novos desafios, representados pela dupla dificuldade enfrentada pelo setor: um desequilíbrio entre oferta e demanda, no plano internacional, e a difícil conjuntura macro-econômica do Brasil.

Celulose & Papel - Como foi sua trajetória profissional e empresarial?

- Eu tive algumas oportunidades interessantes na minha vida. Comecei, por orientação de meu pai, Elias Antonio Zogbi, a experimentar o trabalho precocemente. Sempre que possível, especialmente nas minhas férias escolares, trabalhava com meu pai e seus irmãos nos negócios que a família possuía. Eu tinha muita curiosidade em saber como funcionavam os negócios e como eles trabalhavam. Na verdade, eu tinha o ideal de ser uma cópia do meu pai. Essa experiência inicial foi muito útil, pois aprendi a dar valor para as coisas. Depois, tive outra oportunidade importante na minha vida, nascida da decisão de tentar a independência, aos 21 anos de idade. Eu não queria simplesmente ser um herdeiro e sim tentar construir o meu próprio futuro. Para isso, tive de enfrentar muitas dificuldades, mas jamais abduquei dos estudos, tendo cursado as faculdades de engenharia e administração de empresas. Sempre me lembro com muito orgulho e saudade desses dois momentos da minha vida profissional, ou seja, o início do aprendizado para o trabalho, junto com a família, e o processo de independência.

C&P - E como se conduzia o menino nas empresas da família?

- Quando comecei a trabalhar com meu pai, não iniciei por cima não; tentava aprender o “beabá” e me colocava como uma pessoa que não conhecia a função e, portanto, tinha de aprender paulatinamente como funcionava tudo na loja. Minha família, hoje, tem vários negócios, mas, naquela época, trabalhava basicamente com comércio. Eu tive essa oportunidade importante que, segundo avalio atualmente, soube aproveitar. Depois, os fatos foram se sucedendo, como na carreira profissional de todas as pessoas, com os progressos naturais de quem se dedica realmente ao trabalho.

C&P - Mas houve alguma etapa marcante?

- Outra oportunidade deu-se quando me propus a trabalhar aqui na Ripasa. Na ocasião, com 25 anos, pude perceber que o setor de celulose e papel já era bastante dinâmico e contava com empresários muito empreendedores e até ousados para a época. E lá se vão 22 anos. Achei que teria mais oportunidade de desenvolvimento profissional nesse campo, que estava começando a crescer no País. Então, deixei o setor têxtil, no qual militava em

uma empresa da família, para me dedicar à nova área. E acho que tomei a decisão acertada. Pude conviver com empresários do mais alto nível e profissionais muito competentes. Efetivamente, o ingresso no setor de papel e celulose representou o grande deslanche de minha carreira profissional. E até hoje estou aqui, trabalhando com muito afinco. Gosto muito do que faço e acho esse setor fantástico.

**“SOU UMA PESSOA CASEIRA
E GOSTO DE CONVIVER
COM A FAMÍLIA”**

C&P - Hoje, na qualidade de executivo de uma empresa de grande porte, como tem conseguido conciliar as atividades profissionais, cada vez mais exigidas em razão da conjuntura econômica, e a vida familiar?

- Por uma decisão de vida, nos primeiros anos de trabalho como executivo eu fiz um sacrifício muito grande. Queria vencer profissionalmente e, na esteira desse objetivo, não tinha horário de trabalho, não tinha sábado e nem domingo. Cheguei, durante um certo momento, a trabalhar durante o dia e a estudar à noite. Tudo isso valeu muito e, hoje, tenho uma posição boa. Mas todo esse empenho não chegou a atrapalhar a minha vida pessoal. Sempre convivi muito bem com a minha família. Atualmente, estou colhendo os frutos do esforço inicial. Hoje, consigo equilibrar um pouco mais as coisas. Sou uma pessoa caseira e gosto muito de conviver com a minha família, que considero um elemento absolutamente fundamental em minha vida. Eu preciso estar sempre com meus pais, minha esposa, minhas duas filhas e meu primeiro neto, nascido recentemente. Na minha vida particular, há dois aspectos que valorizo muito: o primeiro é relativo à minha família; o segundo, aos meus amigos, aos quais também dou muita importância. Tenho o privilégio de conservar amigos que conheci aos 10 anos de idade. Não são muitos os amigos, mas eles estão sempre presentes, inclusive nos momentos em que se precisa de ajuda.

C&P - Além da convivência familiar e social, quais as atividades às quais se dedica fora do trabalho?

Sempre fui muito adepto de esportes. Desde pequeno - e até hoje - sempre gostei muito de praticar a natação. Sempre fiz muita ginástica também. Mas, atualmente, o meu esporte é caminhar pelo Parque do Ibirapuera, cerca de 45 minutos, todas as manhãs. Isso me faz um bem enorme, porque é um momento que tenho só para mim. Logo de manhã vou caminhar e, durante esse exercício, consigo preparar o meu dia, refletindo a respeito dos pequenos problemas a serem enfrentados. Quando volto para casa, parece que tudo já está equacionado na minha cabeça. Quando não é possível fazer essa caminhada, meu corpo sente falta.



C&P - Além das caminhadas, aprecia atividades de lazer como o cinema e o teatro, por exemplo?

- Tenho procurado, especialmente nesta época de muita angústia que o Brasil está vivendo, dar um pouco de qualidade à minha vida e à de minha família. Nesse sentido, acho importante ir a cinemas e teatros. Também gosto muito de novelas. Nos filmes, nas peças e nas novelas, é possível ver um lado da vida o qual não se conhece no dia-a-dia. Acho que essas manifestações artísticas e os artistas são muito importantes nesse momento do Brasil, ajudando a esclarecer o que está se passando. Por outro lado, eles ajudam a

amenizar a situação na cabeça das pessoas, tornando mais palatável o amargo da conjuntura enfrentada pelo brasileiro. Por isso, tenho procurado sair mais de casa, principalmente nos finais de semana, em que São Paulo está mais calma, para ir a um cinema ou a um teatro. É uma receita barata e boa.

C&P - O sr. tocou nessa questão crucial, a angústia que o brasileiro tem vivido. Como analisa a conjuntura sócio-político-econômica do País?

- Quero salientar, antes de mais nada, que sou um otimista. Sempre vou achar - e minha família sabe disso - que, virando a esquina, vou encontrar algo melhor; e, se não encontrar, acredito que esse algo melhor está na outra esquina. Serei sempre assim, pois essa é a motivação da vida. Então, acredito muito no Brasil, que aos poucos, vai evoluir. As pessoas que pensam e decidem neste País - e essa é uma responsabilidade inclusive dos empresários - têm de ajudar a mudar a situação. Pessoalmente, estou atravessando um período de perplexidade. Não sabia, com toda a sinceridade, que o negócio era tão sujo assim. Sabia que existia corrupção, a exemplo do que ocorre no mundo inteiro. Acho que não queria ver que a coisa era tão grave aqui no Brasil.

C&P - E existe saída?

Temos de resolver esse problema e a solução depende de todos e não apenas do Congresso Nacional. Teremos de passar por isso para reaprender tudo. Estamos vivendo uma fase que outros países já passaram. Os Estados Unidos, as nações européias e o Japão, por exemplo, já enfrentaram situações semelhantes e conseguiram encontrar soluções. A corrupção ainda existe em vários países, mas é adequadamente punida. Aqui, temos de acabar com a impunidade, para reduzir a corrupção a um grau mínimo. É uma fase difícil, em que a sociedade está muito descrente, pois todos vêem o que acontece. O pior é que esse estado de coisas cria uma cultura e as pessoas acabam raciocinando da seguinte maneira: “Se todos estão agindo errado, por que só eu tenho

de agir certo?" Por isso, o exemplo tem de vir do empresário, da igreja, do político, do profissional liberal e da imprensa. Tudo isso, porém, vai levar muito tempo para ser equacionado.

"AS PESSOAS DEVEM MANIFESTAR-SE NO DIA-A-DIA"

C&P - A seu ver, quais são as principais seqüelas desses descaminhos por que passa a Nação?

- Nós temos o problema social, que está ultrapassando todos os limites de tolerância. Eu tenho dito que o brasileiro é um povo muito calmo e pacífico. Em qualquer país desenvolvido, a população já teria, literalmente, quebrado tudo. A gente vê na televisão o que as pessoas fazem para demonstrar que estão descontentes. Aqui, o povo, coitado, está até mesmo perdendo a condição de se rebelar, de mostrar a sua intolerância. Acho que a população deve demonstrar o seu descontentamento não apenas no voto. Claro que não estou defendendo um quebra-quebra, mas as pessoas devem manifestar-se no dia-a-dia. Nas eleições, a população é totalmente iludida. O povo mais humilde, que ainda acredita nos discursos absurdos dos políticos, somente consegue demonstrar o seu descontentamento nas eleições seguintes. Porém, isso deve ser feito rotineiramente.

C&P - Qual é então, o caminho para a população externar o seu descontentamento?

Acho que, para isso, é muito importante o trabalho das elites, que também são parte do povo, num conceito mais correto de nação. Estamos chegando num estágio em que não se pode mais andar nas ruas. Temos de iniciar uma ação séria, dentro de casa e nas empresas, envolvendo os empregados domésticos e todos os funcionários. O empresário tem a obrigação de ajudar socialmente na área de influência de sua empresa, contribuindo financeiramente com hospitais, escolas e creches. Não há outra forma. É preciso partir para isso, pois o governo não tem condições de

solucionar tudo sozinho. O problema também é nosso. Se não agirmos rapidamente, teremos, muito brevemente, um contingente enorme de pessoas sem condições de trabalho, que representarão um ônus no futuro. Temos, por outro lado, de exigir que o governo cumpra a sua parte, especialmente nas áreas da saúde e de educação. O poder público deve investir no ser humano desde a infância. A sociedade precisa cobrar esse tipo de ação governamental, pois se trata da única alternativa para que o Brasil possa tornar-se um país desenvolvido daqui a 30 ou 40 anos.



C&P - Se eu pude entender, o sr. acha, então, que o Estado deve ficar cada vez menor em termos de participação da economia e cuidar mesmo do social?

- Exatamente isso. Entretanto, a atenção com o social deve ser limitada a um determinado nível, à parcela realmente carente da população. O governo deve cuidar das pessoas realmente de baixa renda, dando-lhes assistência médica e educação. Para a parcela mais aquinhoadada da população, a previdência e os cuidados com a saúde devem ser privados. Para se chegar a essa condição, é necessário intensificar o processo de privatização das empresas estatais e transferir mais responsabilidades aos municípios. E, no âmbito das cidades, cada distrito tem de resolver os seus próprios problemas. Tudo isso, no

entanto, será impossível sem a participação efetiva da sociedade. Eu, pessoalmente, me sinto na obrigação de dar a minha contribuição. Quero dormir sempre tranquilo com a minha consciência. Nas localidades em que a Ripasa tem plantas industriais, a empresa colabora com o município, principalmente no aspecto social.

C&P - O sr. acha, então, ser necessário rever a distribuição da receita tributária nacional, que apesar de ter sido relativamente descentralizada pela Constituição de 88, ainda parece bastante concentrada nos cofres da União?

- O que a gente ouve é o seguinte: 92% da receita da União já estão comprometidos. Sobram, portanto, apenas 8% para investimentos, o que é muito pouco. Dos recursos já comprometidos, uma parcela expressiva destina-se a Estados e municípios. Assim, não sei se a descentralização da arrecadação é realmente o melhor caminho. Além disso, é preciso considerar o fato de que o orçamento da União, conforme tem sido possível notar em mais uma CPI, é algo um tanto quanto nebuloso. Teoricamente, o orçamento é algo sério, a ser avaliado mensalmente e acompanhado criteriosamente. No entanto, estou vendo que aqui no Brasil a coisa não funciona exatamente assim, não é? Em contraste com esses problemas, há Estados e municípios brasileiros bem administrados, que demonstram ser a receita suficiente. Tudo é uma questão de boa gestão. Seria muito simples redistribuir ou aumentar a receita fiscal. A questão crucial é uma só: administrar melhor!

"O EMPRESÁRIO TEM A OBRIGAÇÃO DE AJUDAR SOCIALMENTE"

C&P - Essa questão relativa à administração eficiente passa, necessariamente, por uma melhoria do binômio qualidade/produtividade, um conceito já arraigado no primeiro mundo, mas ainda incipiente no Brasil, o sr. não acha?

- Efetivamente, temos de melhorar a pro-

atividade das empresas de todos os segmentos da economia nacional. Se nas empresas privadas brasileiras conseguiu-se um ganho de produtividade, nos últimos três anos, de pelo menos 15%, o que demonstra que havia desperdício, imagine o que deve ocorrer nas estatais, com os famigerados cabides de emprego e desvios de verbas. Levando-se em conta essas questões, pode-se aferir ser possível obter ainda um ganho enorme de produtividade em nosso País. Paralelamente, porém, é preciso resolver aquele que, provavelmente, é o maior problema brasileiro: a distribuição de renda. Se não tivermos uma desconcentração de renda, remunerando melhor o assalariado e o transformando realmente em consumidor, a recuperação do Brasil será mais difícil.

“O BRASIL ESTÁ NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA”

C&P - O difícil é colocar esse ovo em pé...

O caminho mais curto e eficiente rumo ao desenvolvimento é estruturar, em primeiro lugar, um mercado interno forte. Imagine o Brasil com 150 milhões de consumidores. O que isso realmente representaria em termos de potencial econômico? O Brasil ainda é um pequeno exportador, vendendo ao Exterior apenas o equivalente a cerca de 9% de seu PIB. Por isso, é importante o crescimento do mercado interno, que viabilizaria um aumento substancial da produção. É necessário privilegiar os investimentos e monitorar a alocação desses recursos, para garantir que eles gerem empregos, impostos e riquezas. Por enquanto, entretanto, o Brasil está na contramão da história, infelizmente. Temos de superar de qualquer maneira as dificuldades, invertendo o curso do País. É preciso retomar urgentemente o desenvolvimento, mas com enfoque no fator social, pois não adianta a economia crescer se forem mantidos os baixos níveis salariais e a alta concentração de renda.

C&P - Deixando a análise macro-econômica para ingressar na área de papel e celulose, especificamente, parece que



as indústrias nacionais do setor investiram bastante nos últimos anos em capacitação tecnológica e aumento da produção. O mercado tem dado respostas positivas a esses investimentos?

- Infelizmente não, mas é preciso explicar como funciona o setor de papel e celulose, que tem algumas características muito peculiares. Trata-se de um segmento exportador. Desde 1980, portanto, todos os investimentos realizados levaram em conta não apenas o mercado interno, como também o internacional. Todas as empresas vinham se preparando, em termos de tecnologia, custos e qualidade dos produtos, para se adequar ao mercado externo. No entanto, o setor precisa de capital intensivo e o crescimento da produção dá-se periodicamente e em grandes volumes. Em cada período de “n” anos, registra-se um crescimento grande da oferta, enquanto o consumo não se expande na mesma proporção. Então, é necessário um certo tempo para se equilibrar oferta e procura. Agora, estamos vivendo exatamente um desses períodos de desequilíbrio. O Brasil e todos os países produtores investiram muito no setor de papel e celulose, em decorrência dos resultados positivos para a área no final da década de 80. Por isso, em termos mundiais a oferta está maior do que a demanda. Acreditamos que a recuperação, inclusive de preços, deverá iniciar-se no segundo semestre de 94.

C&P - E em horizonte mais amplo?

Na segunda metade da década de 90, estima-se que o setor viverá novamente um momento bastante positivo. A conjuntura atual é realmente delicada para o setor, especialmente no Brasil, onde os

seus problemas são potencializados pelas dificuldades macroeconômicas. Embora sejamos empresas de nível internacional, estamos sofrendo os problemas conjunturais brasileiros, ou seja, somos atingidos duplamente. Os nossos concorrentes internacionais, como o Canadá, Finlândia e Japão, que são grandes exportadores, beneficiam e privilegiam os seus produtores de celulose e papel, com incentivos, recursos financeiros compatíveis de longo prazo e apoio à plantação de florestas. Assim, criam condições para que as suas empresas do setor vençam com maior facilidade esses momentos difíceis. Aqui, no entanto, não temos nada disso. Vamos conseguir a recuperação, com toda a certeza, mas, neste instante, a situação realmente é difícil.

C&P - Qual é a participação das indústrias brasileiras de papel e celulose no mercado mundial?

- Vamos analisar, primeiramente, o mercado de celulose, que é de 20 milhões de toneladas/ano. Deste total, cinco milhões de toneladas são relativos à celulose de fibra curta. Do mercado global, o Brasil tem 10% da área específica de fibra curta, 20 por cento. Quanto à linha de papel para imprimir e escrever, segmento em que o País exporta mais, o mercado mundial, excluindo a Europa, onde estamos começando a ingressar, é de 3 milhões de toneladas/ano. Deste total, o Brasil exporta entre 700 e 900 mil toneladas. Incluindo a Europa, o mercado mundial chega a 18 mil toneladas anuais. Em 94, as nossas exportações serão aumentadas.

C&P - O sr. poderia dar um perfil do setor de papel e celulose no País?

- O setor mantém cerca de 170 mil empregos diretos e gera outros 400 mil indiretos. Temos por volta de 200 empresas, mas o mercado está concentrado em 15 indústrias. Essa concentração é verificada em todo o mundo e decorre de algumas peculiaridades. O investimento para se montar uma fábrica de celulose é de, no mínimo, US\$ 1,2 bilhão. Uma máquina de papel não fica por menos de US\$ 200 milhões. Realmente, trata-se de um setor de gente grande.

SELO VERDE: 28 PAÍSES NA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DO FSC



Reflorestamento no Brasil: a nova entidade nasce sem preconceitos contra os empreendimentos de países tropicais.

O Forest Stewardship Council credenciará entidades nacionais para procederem à certificação de origem de produtos florestais em seus respectivos países

Uma instituição com predominância de interesses sociais e ambientais, mas disposta ao diálogo de alto nível com os vários representantes dos interesses comerciais — assim ficou definido o perfil do Forest Stewardship Council (FSC), na sua assembléia de fundação, realizada em Toronto, Canadá, no último mês de outubro, com 130 participantes (inclusive 15 brasileiros), representando 28 países de todos os continentes.

O FSC se propõe a credenciar entidades nacionais para procederem à certificação de origem de produtos florestais nos respectivos países. E, como era de se espe-

rar, a reunião foi marcada por agudas polêmicas. Alguns delegados, europeus em sua maioria, chegaram a defender o boicote contra produtos de florestas tropicais e colocaram em dúvida a própria compatibilidade da certificação de produtos florestais com a conservação das florestas. No transcurso da assembléia, tais delegados sofreram muitos questionamentos e resolveram se colocar como meros observadores, deixando de obstruir os trabalhos.

Finalmente, decidiu-se deflagrar um processo de ratificação dos princípios e critérios do FSC nos diferentes países, durante os próximos seis meses. Aprovou-se, também, a participação de industriais, comerciantes e seus consultores no Conselho de Diretores do FSC, com dois representantes, ao lado de três de entidades ecológicas e quatro do segmento social. Além disto, estabeleceu-se que deverá haver um equilíbrio entre os hemisférios Norte (quatro diretores) e Sul (cinco). O Conselho de Diretores eleito

tem a participação de dois representantes brasileiros: Amantino Ramos de Freitas (Instituto de Pesquisas Tecnológicas/Sociedade Brasileira de Silvicultura) e Juan Carlos Rueda (Grupo de Trabalho Amazônico).

E foi criado um Conselho Nacional Interino, incumbido de no prazo de seis meses, definir uma estrutura permanente para as atividades do FSC no Brasil. Dele também fazem parte Amantino de Freitas e Juan Rueda, ao lado de representantes da Associação Brasileira de Exportadores de Celulose, Conselho Nacional dos Seringueiros, Federação de Órgãos de Assistência Social e Educacional, Núcleo de Direitos Indígenas, Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto Vitae Civilis e WWF/Brasil. A Sociedade Brasileira de Silvicultura está propondo a adoção do Cerflor (Certificação de Origem da Matéria-Prima Florestal) para todo o Brasil e, neste sentido, vem intensificando os esforços para obter sua aceitação por parte das ONG's mais representativas do País.

PRÊMIO TOP DE ECOLOGIA PARA A RIPASA

A Ripasa foi uma das empresas agraciadas com o prêmio Top de Ecologia, concedido pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB). Com o case "A Tecnologia da Ripasa no Controle Ambiental", relativo a um programa no qual foram investidos US\$ 35 milhões, a empresa mostrou que é possível controlar as emissões de efluentes (características das fábricas que produzem celulose) e ainda manter uma convivência harmoniosa com as comunidades vizinhas e com o meio ambiente.

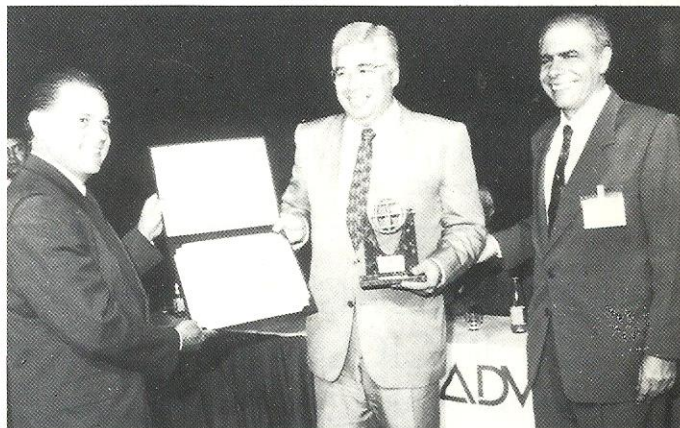
"Em 1985 a Ripasa recebeu 420 reclamações e, após a implantação do Programa de Proteção Ambiental, este número se reduziu, em 1989, para 10, sendo que nos últimos três anos a empresa não teve qualquer queixa. Solucionado este problema, a Ripasa investiu num amplo programa institucional, com ações de grande alcance social que beneficiaram as comunidades onde a empresa tem suas unidades fabris e florestais", afirmou o presidente Abrahão Zarzur.

O prêmio Top de Ecologia foi criado neste ano pela ADVB para homenagear empresas que apresentam solu-

ções em favor da preservação ambiental. Das 37 participantes, oito tiveram seus trabalhos premiados, tendo por base os seguintes critérios: ética do produto ou serviço na sociedade; impacto; densidade de política e estratégias; e programas de gestão e de marketing



Elias Zogbi, da Ripasa (à direita), ao receber o troféu da ADVB (acima); Fleury também foi agraciado (ao lado).



ambientais. Outra empresa do setor agraciada foi a Impacel, enquanto o governador Luiz Antonio Fleury Filho recebeu

também o troféu "por sua firme decisão e liderança no desenvolvimento do projeto de despoluição do rio Tietê".

CHAMPION CRIA PARQUE FLORESTAL

Provar a compatibilidade entre área de produção e um parque florestal aberto à comunidade é o objetivo do novo

projeto que a Champion Papel e Celulose está iniciando em Mogi Guaçu (SP), onde investirá US\$ 250 mil na formação

de florestas com espécies nativas da região. "Vamos mostrar que as áreas produtivas e as de preservação ambiental devem caminhar juntas", afirmou o presidente da empresa, Ronaldo Algodual Guedes Pereira. O parque, com 30 hecta-

res, está sendo criado numa área vizinha à fábrica e deverá contar, já em 1994, com 60 mil mudas de árvores nativas. A perspectiva é de que esteja totalmente formado no prazo de cinco a dez anos, com 250 espécies diferentes de plantas.

ANALISADOR DE UMIDADE



A Superlab está lançando seu analisador de percentual de umidade e de sólidos LabWave 9000, que tem aquecimento por microonda e é capaz de determinar percentuais em prazo inferior a cinco minutos. Utilizado no setor de papel e celulose, em ca-

vacos, liquor negro, cargas e polpa, possui balança de precisão com quatro casas, oferecendo resultados com margem de erro de 0,05%. Funciona automaticamente, apresentando os resultados no display digital e/ou impressora.

CENIBRA PRESERVA AVES

Depois do êxito obtido com o mutum-do-bico-vermelho, a Cenibra começou a devolver ao habitat mais uma espécie ameaçada de extinção. Trata-se do macuco, ave de grande porte que está sendo reintroduzida na fazenda Macedônia, uma das mais importantes reservas da Mata Atlântica

em Minas Gerais, localizada na margem do rio Doce. A liberação das aves faz parte do projeto Fauna Silvestre, pioneiro no País, desenvolvido pela Cenibra a partir de um acordo com a sociedade de pesquisas da Fauna Silvestre-Craz (entidade sem fins lucrativos, com sede em Contagem).

VENCEDOR DO ANO 93

Em almoço-reunião realizado no salão promocional da Fiesp, a Associação Nacional dos Profissionais de Venda em Celulose, Papel e Derivados (Anave) entregou o prêmio Vendedor do Ano, que em 1993 teve os seguintes agraciados: Maurício Carlos Alarcão, da Suzano, na categoria celulose de eucalipto e papéis brancos; Sidênio Gomes Moreira,

da NND Artefatos de Papel (convertedor de papéis brancos); Edison José Raulickis, da Orsa (papêlo ondulado); Walter Camasmie, da São Vito (atacadista); Arlindo Lucchesi, autônomo (papéis para fins sanitários); José Luiz Leonardos, da RBL (exportação de celulose e papel); e Jessé Ribeiro Reis, da Klabin (papel kraft e derivados).

RIOCELL AGRACIADA: RECICLAGEM

A Riocell acaba de ser agraciada com o Prêmio Tecnologia, do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. O Prêmio foi conferido pela tecnologia inovadora desenvolvida para o trabalho de reciclagem praticamente absoluta (99,7%) dos resíduos sólidos industriais decorrentes do processo de fabricação da celulose. Tal tecnologia permite reciclar mensalmente cerca de 15.000 toneladas de 10 tipos de resíduos sólidos. O princípio é separar cada resíduo na origem e dar-lhe um tratamento próprio e individualizado, possibilitando

que, ao final da reciclagem, ele se transforme num insumo ou até numa matéria-prima para outros processos produtivos. Assim, o lodo gerado na estação de tratamento dos efluentes, depois de compostado durante dois anos, transforma-se em adubo orgânico. Este é o principal resíduo e assim como ele, todos recebem um tratamento específico gerando insumos para a fabricação de cimento, recuperação de áreas degradadas, corretivos e cobertura de solos, agregante para a construção civil, materiais para aviários e outros usos.

MAURO CONCEIÇÃO

O setor perdeu um de seus mais eficientes executivos, na pessoa de Mauro Conceição, que faleceu aos 62 anos de idade, deixando a esposa Thereza Costa e os filhos Teodoro e Rita Gonçalves. Formado em Direito pela USP, fez pós-graduação em Direito Tributário na Escola Superior de Administração Fazendária e extensão univer-



sitária nas áreas Tributária, Comercial e de S/A's pela Faculdade de Direito da USP. Era diretor jurídico da IKPC desde 1990 e da Klabin Fabricadora de Papel e Celulose desde 1989; também fazia parte das diretorias da KIV Participações e da IKPC-Par. Na ANFPC, ocupava a vice-presidência de Recursos Humanos.

DIRETORIA DA SINPACEL

Tomou posse no final de novembro a nova diretoria do Sindicato das Indústrias de Papel, Celulose e Pasta de madeira para Papel, Papelão e de Artefatos de Papel e Papelão do Estado do Paraná (Sinpacel) para o triênio 1993/1996. Os membros efetivos são: presidente, José Carlos Gomes Carvalho; vice-presidentes, Leno-

mir Trombini, Odair Ceschin, José Carlos Pisani e Eucário Valdemar Hörllle; secretário, Luiz Alberto Bettega de Pauli; tesoureiro, Geraldo Antonio Brenner; conselho fiscal, José Thomal, Ricardo Santos da Cunha e Paulo Dallegrove Neto; e delegados representantes, José Carlos Gomes Carvalho e Odair Ceschin.

MEDIDORES DE VAZÃO



A Spirax Sarco acaba de desenvolver três novos equipamentos para medição da vazão de fluidos industriais (vapor, água, ar comprimido, óleo e outros) com alta precisão. Os novos medidores de vazão são

capazes de fornecer dezenas de informações que auxiliam o controle da produtividade na indústria e ajudam no controle de custos e na redução do consumo de energia. São três diferentes equipamentos eletrônicos, todos projetados especificamente para a medição de fluidos industriais: Gilflo (para fluidos em geral), Spiraflo (específico para vapor) e medidor tipo Placa de Orifício. Desenvolvidos com tecnologia de última geração, possuem sensores que, instalados na tubulação, fazem leitura ininterrupta e precisa da quantidade de fluido que passa por aquele ponto, indicando inclusive seus picos máximos e mínimos.

FIEPAG: NOVO HORÁRIO

A próxima edição da Fiepag (Feira Internacional de Embalagem, Papel e Artes Gráficas), que vai acontecer de 2 a 7 de maio de 1994, em São Paulo, tem novo horário: de 2ª a 6ª, das 13 às 21 horas; e sábado, das 9 às 18 horas, com isto, os organizadores atendem reivindicação dos clientes do setor. De acordo com a Abimeg (As-

sociação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos Gráficos), cerca de 50% da área de exposição já está alocada. A Abimeg informa também que participará da Drupa 95, feira da indústria de máquinas gráficas, marcada para 5 a 18 de maio de 1995, em Dusseldorf (Alemanha). O estande brasileiro terá 260 metros quadrados.

NOVAS CAÇAMBAS PARA COLETA DE RESÍDUOS

A Cia. Industrial de Papéis Alcantara, empresa do grupo Klabin instalada em Guapimirim (RJ), acaba de adquirir caçambas esta-



cionários Kabí para a coleta de rejeitos supercrônicos, descargas de limpeza dos hidra-pup, resíduos da peneira de separação de plásticos e resíduos de areieiro de supercame. O objetivo é coletar estes e outros resíduos para reaproveitamento ou venda, garantindo, ainda, a preservação de um ambiente salutar na planta de fábrica.

NICOLAUS PAPER INAUGURA

Acaba de ser inaugurada a nova fábrica de papel da Nicolaus Paper São Paulo, em Caieiras (Grande São Paulo). As instalações, que incluem uma das mais modernas máquinas de fabricar papel do mundo, custaram US\$ 65 milhões. Com esse equipamento, que fabrica papéis especiais de uso industrial, o volume de exportações da empresa irá crescer. Atualmente, mais de 30% da produção destinam-se a mercados internacionais. A médio prazo, o volume de venda deverá chegar a aproxi-

madamente US\$ 150 milhões. A nova máquina, única a produzir papéis supercalandrados no País, foi projetada para começar com 30 mil toneladas/ano, mas já no início de 1994 terá sua capacidade aumentada para suprir a demanda interna e dos 40 países para onde a empresa exporta. Com isso, o grupo Nicolaus Paper conclui um amplo programa de investimentos no Brasil e nos Estados Unidos, atingindo a produção de mais de 100 mil toneladas métricas anuais de papéis especiais.

DOW LANÇA NOVA RESINA

As empresas Dow estão lançando no mercado brasileiro uma nova resina: a epoxi esterivinílica Derakane 441-400, utilizada na fabricação de peças de plástico reforçado e no revestimento de tanques e tubulações. Produto sem similar no País, chega ao mercado para substituir a

chamada "estrutura sanduíche", ou seja, a mistura de duas resinas, até então usada para se conseguir a resistência química e mecânica desejada. Além de oferecer resistência na medida certa, esta nova resina possui baixo teor de estireno, tornando-se ambientalmente mais segura.

O INTERESSE ECONÔMICO ESCONDIDO POR TRÁS DA QUESTÃO AMBIENTAL

Gilberto Mestrinho (*)

É perfeitamente possível a harmonia entre o homem e a natureza. Ela está implícita até nos princípios cristãos: Deus, ao criar o homem, disse-lhe que tirasse o sustento do meio ambiente com o suor do seu rosto. Esta é a maior demonstração de que o meio ambiente existe para servir ao homem. O princípio que nós sempre defendemos é este antropocêntrico, tendo o homem como o princípio e o fim de todas as coisas.

O Brasil, durante muito tempo, foi tratado como uma espécie de vilão do meio ambiente. Não se levava em conta que é o país com maior experiência e tecnologia de formação de florestas no mundo; que é o país que mais plantou árvores no mundo; e que, enfim, é o país que detém a maior reserva florestal no mundo. Nós temos, só na Amazônia, 500 milhões de hectares que hoje continuam verdes, totalmente cobertos de copas de árvores; é mais de 15 vezes o tamanho da França, por exemplo.

A floresta amazônica tem um poder de crescimento muito grande porque está situada especialmente numa área cortada pelo Equador. Com a existência de condições ideais de sol e de água, há uma concentração de gás carbônico e o crescimento das árvores se acelera. Assim, um pinheiro leva 80 anos na Finlândia para atingir 35 a 40 centímetros de diâmetro, enquanto uma árvore similar na Amazônia precisa de apenas oito anos para tanto.

Por que, então, existe toda essa onda contra a exploração das florestas tropicais, especialmente a amazônica? Acontece que o mercado madeireiro atinge cifras extraordinárias no mundo desenvolvido. É um mercado que envolve algumas dezenas de bilhões de dólares no Oriente e

no Ocidente, sendo dominado por cartéis norte-americanos, canadenses, suecos e filandeses. A América do Sul não participa em sequer 2% desse mercado.

Se, de repente, a Amazônia e as florestas tropicais da América do Sul fossem exploradas e suprissem mais intensamente o mercado mundial, o que aconteceria? Primeiro, haveria uma oferta maior de madeira e os preços baixariam. Segundo, aconteceria uma divisão, pois existiriam novos vendedores no mercado. Por isto é preciso evitar a exploração. E como? Escondendo o interesse econômico por trás da cortina da questão ambiental.

Esses mesmos que hoje condenam a exploração da Amazônia são aqueles que, no início de 60, fizeram um projeto no Instituto Hudson, nos Estados Unidos, querendo transformar o Estado do Amazonas no grande lago amazônico. Eles queriam inundar a floresta, apresentando o projeto como uma grande iniciativa em favor da humanidade.

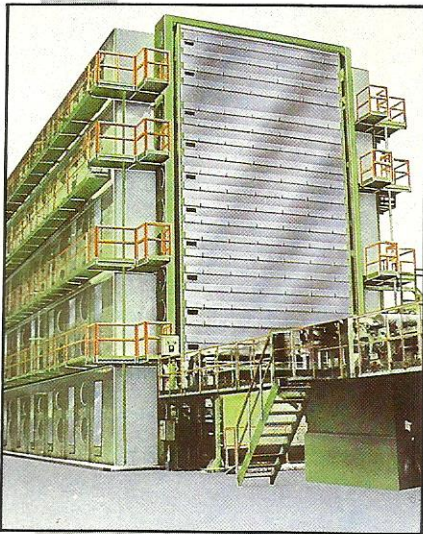
Quando o mundo tomou conhecimento de que a Amazônia era a maior província mineral sobre o planeta e a floresta amazônica, apesar de heterogênea, possuía segmentos mais ou menos homogêneos de árvores de grande valor econômico, começou no Brasil, vinda também de fora, a campanha de intocabilidade da Amazônia. Se derrubássemos uma árvore na Amazônia, diziam, iríamos prejudicar o clima da Noruega. Isso causou vultosos prejuízos para a região e para o próprio Brasil, que começava a fazer um esforço para participar do mercado internacional.

Hoje, o conhecimento que se tem da Amazônia e a evolução das técnicas de manejo já permitem uma ampla exploração de recursos sem causar qualquer dano ambiental. O homem possui atualmente tamanha vivência empresarial e industrial, e tal nível de conhecimento da necessidade de harmonia entre o homem e a natureza, que é possível fazer uma compatibilização perfeita da exploração florestal com a manutenção do ambiente sadio.

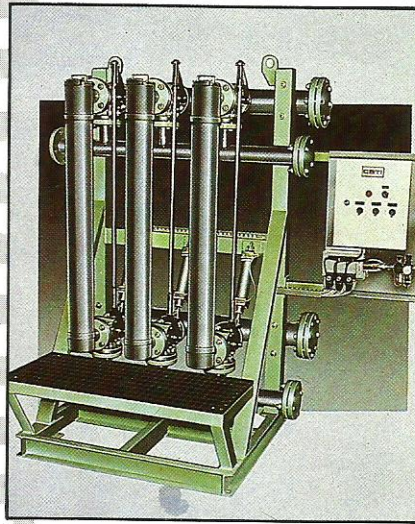


* Gilberto Mestrinho é governador do Amazonas

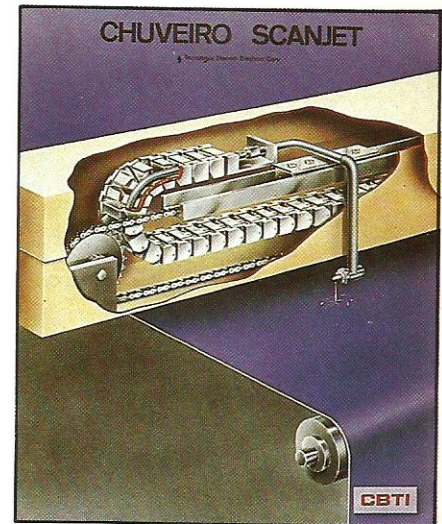
CUMPRINDO SEU PAPEL NA HISTÓRIA...



Secador de Celulose



Filtros

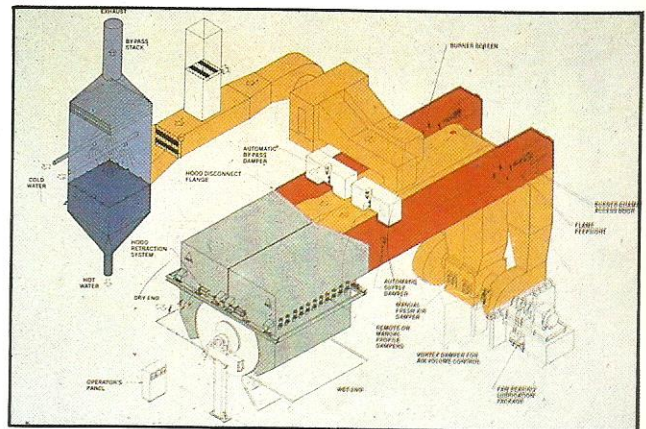


Chuveiros Scanjet

Uma história de tecnologia, que há uma década destaca-se pelo seu desenvolvimento, pela melhoria da qualidade e da assistência técnica prestada a seus clientes.

Para cumprir seu papel, utiliza-se da tecnologia Thermo Electron e própria, cujos destaques na história são:

- Capotas de secagem;
- Secadores por flutuação;
- Sistema de ventilação para prédios;
- Raspadores, porta-lâminas e lâminas;
- Chuveiros, osciladores e filtros;
- Sistema de recirculação de água.



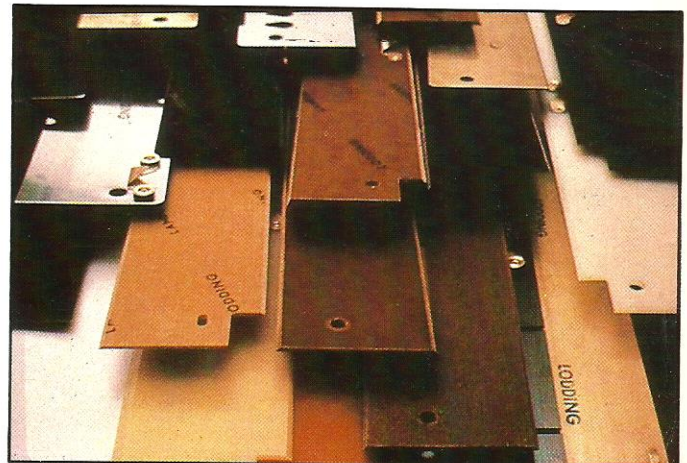
Capota Yankee

CBTI

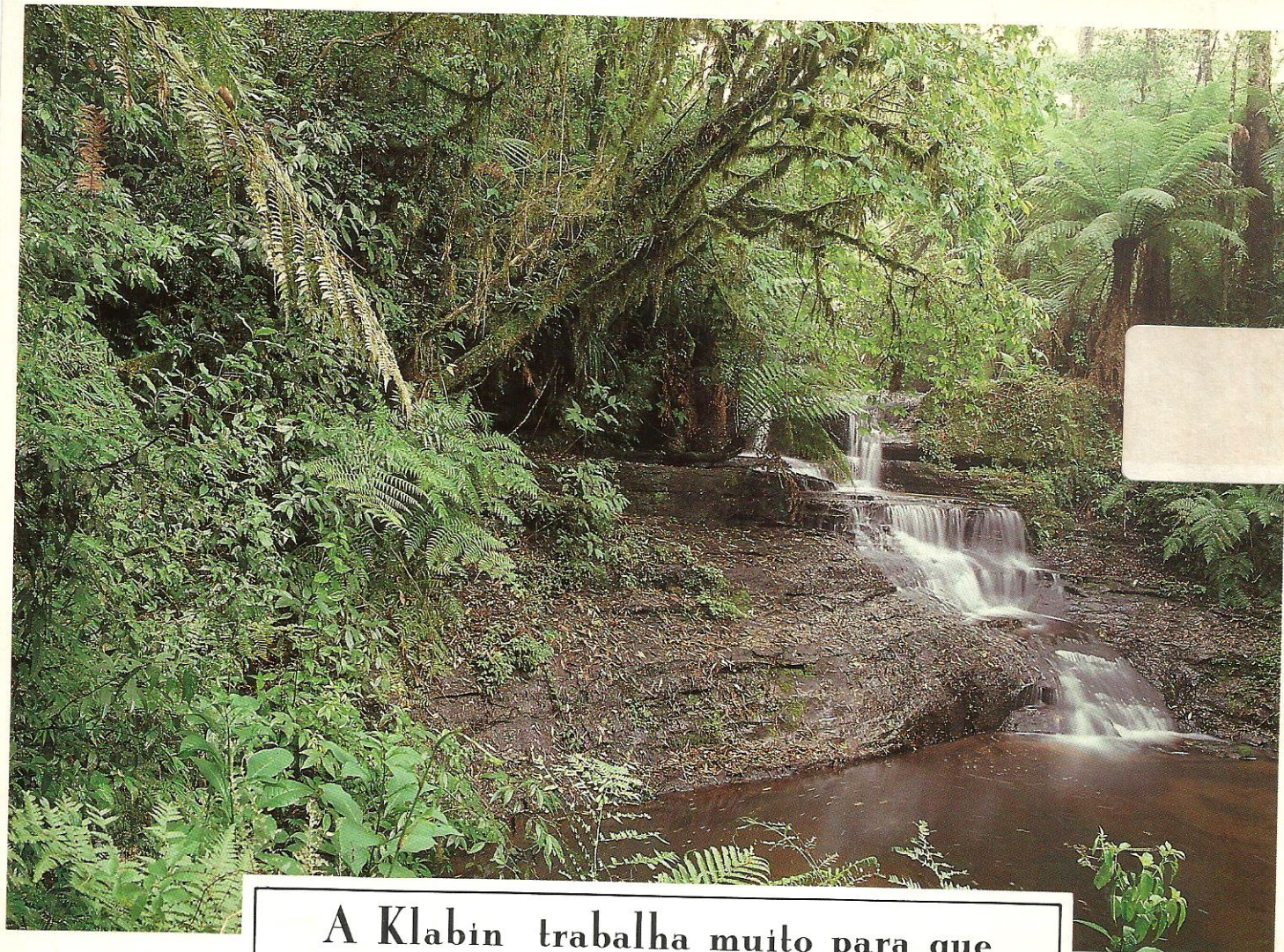
*Do projeto à realização,
Tecnologia e Experiência.*



Raspador Equalizador



Lâminas Raspadoras



A Klabin trabalha muito para que
essa imagem não fique só na lembrança.

A Klabin é a maior fabricante integrada de celulose, papel e produtos de papel da América Latina. Junto a seus 207 mil hectares de florestas plantadas com pinus, eucaliptos e araucárias, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mantém mais de 100 mil hectares de florestas nativas preservadas, onde são desenvolvidos programas de proteção da flora e da fauna. No Centro de Interpretação da Natureza da Klabin, no Paraná, são desenvolvidos programas educativos que demonstram como é importante a participação da comunidade na preservação ambiental e como a empresa, através do "Desenvolvimento Sustentável", consegue harmonizar suas atividades produtivas com a natureza. A Klabin entende que a participação de todos é a melhor resposta para a efetiva preservação da natureza.



Indústrias **Klabin** de Papel e Celulose SA